


*Um conto para
mulheres casadas.
E não casadas também.*



A
AMANTE DO
meu marido

BYA CAMPISTA

Autora da Duologia Pele / Alma



*Um conto para
mulheres casadas.
E não casadas também.*



A
AMANTE DO
meu marido

BYA CAMPISTA
Autora da Duologia Pele / Alma

A AMANTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DO MEU MARIDO

BYA CAMPISTA



A AMANTE DO MEU MARIDO© Copyright 2016 – Bya Campista

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do

autor.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, será mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Revisão: Carla Santos

Diagramação: Evy Maciel

Imagem: Depositphotos

Capa: Daiane Quinelato Marinho

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)**

C197a Lima, Bianca Campista – 1976

A amante do meu marido / Bya Campista – 1.Ed. – Rio de Janeiro: Publicação Independente, 2016.

p.: 82.21 cm

1.Romance brasileiro. 2.Ficção brasileira. I. Título

ISBN: 978-85-916691-7-2

CDD – B869.3

CDU – 821.134.3(81)

<http://www.byacampistaescritora.com.br>

A amante do meu marido é um conto para mulheres casadas. E não casadas também. Contudo, pode ser um

conto para os homens. Casados ou não. Na realidade,

acredito que este seja um conto para todos que se

relacionam romanticamente com alguém: homens com

mulheres, mulheres com homens, homens com homens,

mulheres com mulheres ou, simplesmente, aqueles que se

relacionam com si mesmo. Sim, é um conto para quem

ama e, acima de qualquer coisa, **se ama!**

Desejo que esta história toque o coração de cada um de

vocês, que desperte sentimentos e sensações deliciosas.

Desejo que a “Isabel” escondida em cada um de nós se revele e venha para este mundo com um único objetivo:
ser *feliz!*

Descubram-se!

Bya Campista

“O que é verdadeiramente imoral

é ter desistido de si mesmo”

(Clarisse Lispector)

ÍNDICE

[A verdade nua e crua](#)

[O plano](#)

[Colher de pau](#)

[Mais um cappuccino](#)

[Sirigaita vagabunda](#)

[O inesperado](#)

[Meu marido](#)

[A dúvida](#)

[Reflexões](#)

[Lembranças](#)

[O Convite](#)

[Apenas um casal de namorados](#)

[A autora](#)

[Obras](#)

A verdade nua e crua

Eram seis e quinze da manhã quando o despertador tocou pela quarta vez. *Maldita função soneca!* , pensei enquanto Ricardo tentava levantar-se da cama. Não movi um músculo sequer, nem mesmo para lhe dar “bom dia”. Há quanto tempo não desejávamos *bom dia* um ao outro?

Eu desejava “bom dia” à minha secretária, aos meus filhos, vizinhos, ao porteiro do prédio e até para um desconhecido que esbarrasse no meio da rua, após um pedido de desculpa; porém, há tempos não o fazia para meu próprio marido. Bom, ele também não fazia a mim...

Era quinta-feira e só tive consultas na parte da tarde. Embora amasse demais meu trabalho e minhas crianças, eu não estava concentrada. Isso não tinha a menor relação com sono ou cansaço, e sim, com a ideia perturbadora que há dias rondava minha cabeça.

Eram quase cinco da tarde quando encontrei Júlia na cafeteria da clínica para o nosso *cappuccino* da tarde.

— O que há com você, Isabel? — perguntou em

algum momento e, antes que eu pudesse responder, prosseguiu: — Há dias você está calada, desanimada... Júlia era minha melhor amiga e me conhecia como ninguém. Dei um longo gole em minha bebida antes de responder que não sabia.

— Como não sabe? — Júlia perguntou alto, e talvez tivesse razão. *Como eu não sabia?*

— Meu casamento, Júlia.

Seus olhos claros, assustados, eram duas luzes em minha direção.

— O que tem o seu casamento?

— Acho que o Ricardo tem outra — soltei de uma vez e Júlia revirou os olhos.

— Impossível! Isabel, de onde você tirou essa ideia maluca? Pelo amor de Deus! — retrucou, balançando a cabeça.

— Nós não transamos há dois meses!

— Ele tem outra! Puta que pariu, o Ricardo tem outra mulher! — exclamou e eu a olhei incrédula. Ela continuou: — Querida, nós ficamos sem sexo, homens

não!

Pisquei várias vezes e Júlia posicionou sua xícara em cima da mesa com cuidado.

— Se nós estivermos chateadas, na porra da TPM, de saco cheio, com dor de cabeça ou qualquer outra merda, acabou-se o sexo! A gente não tem cabeça! Não é assim que acontece?

Um pouco confusa, assenti, sem saber muito bem o que dizer.

— Com os homens não é assim que funciona.

Homens não ficam sem sexo de jeito nenhum! Eles podem estar com dor de cabeça, nas costas, na puta que pariu, mas se rolar uma boceta, sabe como é... Eles possuem duas cabeças e nenhuma delas pensa! Isso é o pior de tudo!

Esqueci-me de mencionar que minha amiga, além de louca, era completamente desbocada.

— Se os filhos das putas estiverem com qualquer tipo de problema, ele terá de esperar cinco minutinhos.

Entende o que quero dizer?

Balancei minha cabeça, perdida.

— O Ricardo está transando, Isabel. Se não for com você, certamente é com outra. — Suas palavras me feriram.

— Obrigada.

Júlia fez uma careta e, pelo que a conheço, amaldiçoando a si mesma por ter dito aquilo. Fechei meus olhos por instantes. Ela tinha razão.

— Nós praticamente nem conversamos mais... — sussurrei. — Filho da puta! Vinte anos de casamento! — Desabei e Júlia me olhou profundamente.

— Ok, talvez eu tenha exagerado um pouco — disse por fim.

— Não precisa tentar consertar as coisas, Júlia, está tudo bem.

— Não está mesmo! — retrucou. — Olhe para você, Isabel! — Pisquei e ela continuou: — Não estou aqui para defender o Ricardo, até porque se ele realmente tiver outra, eu capto aquele filho da puta! Mas, Bel...
A sensação que eu tinha era de que Júlia procurava

organizar suas palavras. Sequei meus olhos com as costas das mãos.

— O que quer dizer exatamente?

Ela me olhou por instantes, antes de cruzar os braços à frente do corpo.

— Há quanto tempo você não pinta esse cabelo?

Instintivamente levei minha mão à raiz escura com mais de um palmo de crescimento que contrastava com meu cabelo tom de mel.

— E essa roupa? Que porra é essa?

Olhei para mim mesma. Além do jaleco branco bordado com o meu nome e o título de pediatra, eu vestia minha boa e velha calça jeans e camisa básica de manga preta, além de uma sapatilha da mesma cor.

— Onde estão seus brincos? E sua maquiagem?

Você adorava maquiagem! Há quanto tempo você não faz as unhas?

Ela estava me metralhando e tentei me defender da melhor forma que pude.

— Eu lavo louça e...

— Use luvas, se for preciso! — cortou-me
secamente e a olhei incrédula. — Não perguntarei sobre
sua depilação porque será demais para a minha cabeça.
— Abri minha boca, chocada. — Pode não parecer, mas
falo isso para o seu bem, Bel. Se eu percebi, imagine o
Ricardo!

Pisquei. Merda! Há quanto tempo eu não ia ao
salão? Júlia chegou seu corpo para frente, aproximando
seu rosto do meu.

— Não me diga que sua calcinha é aquela de
algodão enorme que nossas avós usavam!

Revirei os olhos e a mandei à merda.

— Duvido que seja fio dental!

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Qual é o seu problema, afinal?

Ela pareceu chocada.

— Meu problema? Quero saber qual é o *seu*
problema, Isabel! Você nunca foi assim! Sempre foi
bonita, vaidosa, sexy, e de repente...

Júlia movimentou sua mão, deixando as palavras no

ar. Ela tinha razão?

— Não me leve a mal, mas você é uma mulher solteira, mora sozinha e não tem uma família e uma casa para comandar. Imagine você com marido, dois filhos e todo o cotidiano pela frente! — respondi amargurada e ela rebateu duramente:

— Desculpa! Tudo desculpa, Isabel! Casamento e filhos não devem ser fardos na vida da mulher! Se for assim, qual é o propósito?

Pisquei.

— Além do mais, seus filhos estão criados!

Um silêncio desconfortável se instalou por instantes até ser interrompido pelo bipe de seu celular.

— Merda! Eu preciso ir, tenho uma consulta agora.

Você está bem?

— Estou ótima! — respondi sarcasticamente e minha amiga segurou minha mão.

— Saiba que estou falando tudo isso para o seu bem, Belzinha. Independente do Ricardo ter outra mulher ou não, você *precisa* se amar e já passou da hora! Você é

linda! Pense nisso, minha amiga.

Meus olhos ficaram marejados. Júlia era a irmã que eu não tive e eu sabia que falava aquilo tudo para o meu bem e por me amar. Pior de tudo, é que no fundo eu sabia que ela tinha razão.

— Eu sei — sussurrei e ela deu um breve sorriso, engolindo o que restava de sua bebida.

— Voltaremos a conversar sobre isso! — advertiu-me, antes de sair correndo na tentativa de pegar o elevador.

Fiquei à mesa com meu *cappuccino* e meus pensamentos. Há quanto tempo eu e Ricardo não conversávamos? Há quanto tempo não saíamos para jantar? E sexo? Há quanto tempo eu e meu marido não trepávamos? Sim, este era o termo que gostávamos de usar na época em que namorávamos: sexo quente, forte e duro. Dei um pequeno sorriso que não alcançou meus olhos.

Há quanto tempo? , pensei.

Abri minha bolsa e peguei um pequeno espelho que

carregava e há séculos não usava. Olhei a imagem refletida: uma mulher aparentando cinquenta anos, embora tivesse dez a menos, vestida com roupas estranhas, cabelo maltratado, sem um pingão de maquiagem e unhas mal feitas. Quem era aquela estranha? Fechei o espelho rapidamente, soltando um palavrão baixo ao lembrar-me da minha calcinha: era pior do que a que minha avó usava! O que eu estava fazendo comigo, com meu marido e com nosso relacionamento? Casamento não é somente casa, filhos e contas a pagar; é, acima de tudo, amor, dedicação, companheirismo e sexo! Sim! Já diz Rita Lee: *amor sem sexo é amizade.*

Era fato, tanto eu quanto Ricardo precisávamos de sexo. Poderia não ser todas as posições do Kama Sutra ou qualquer uma delas; ou mesmo um sexo pendurado no lustre da sala, mas ele teria de ser quente, forte e duro, como sempre foi.

Eu não poderia permitir que meu marido tivesse uma amante. Entretanto, naquele momento, eu soube que, caso ele necessitasse de uma, eu saberia exatamente onde

encontrá-la.

O plano

Olhei o relógio na parede da cozinha que marcava seis e quinze da manhã. Eu sabia que Ricardo estava levantando; fechei meus olhos, imaginando-o, preguiçoso, tentando sair da cama. *Ele sempre dormiu demais.* Sorri com o pensamento, enquanto acionava a cafeteira.

A televisão estava ligada, não na violência do jornal matinal, mas na calma do canal de música: jazz era o ritmo preferido do meu marido e, naquele momento, Billie Holiday falava sobre o homem que ela amava na canção *The man I love*.

“Algum dia ele vai chegar,

O homem que eu amo

E ele será grande e forte,

O homem que eu amo.

E quando ele vier ao meu encontro,

farei meu melhor para fazê-lo ficar.

Ele vai olhar para mim e sorrir,

eu entenderei.”

Abri a geladeira lembrando-me da época em que eu e Ricardo nos conhecemos. *Grande e forte, o homem que eu amo*. Sim Billie, exatamente assim. Peguei os ingredientes para o recheio da omelete: queijo, peito de peru, tomate e alho-poró. Eu realmente estava determinada a mudar as coisas, ou melhor, a fazê-las voltar como sempre foram.

— Mãe?

Olhei para trás e me deparei com a cópia de Ricardo: Tales, nosso filho mais velho, que me olhava de boca aberta, e não poderia culpá-lo. Eu usava uma camisola de seda longa preta: na frente, um discreto decote realçava meus seios volumosos; nas costas, a “cereja do bolo”: uma única linha em *strass* dourado que ia até a cintura. Há quanto tempo eu não a usava? Nem mesmo os quilinhos a mais e o cheiro de guardada me impediram de usá-la naquela manhã. Meu cabelo estava preso num coque, na tentativa de disfarçar a raiz, contudo, permiti-me alguns fios caídos no rosto.

— Bom dia, meu filho.

Ele ainda me olhava, alternando o olhar entre confuso e abismado, a boca continuava aberta e precisei conter minha vontade de fechá-la. Ao invés disso, beijei-lhe o rosto carinhosamente.

— Dormiu bem? — quis saber e ele sacudiu a cabeça, assentindo.

— Que banquete! — exclamou olhando a mesa. — Hum... que dia é hoje?

— Não faço a menor ideia — respondi virando a omelete.

— Então, nenhuma data festiva? — Olhei-o confusa e ele simplesmente apontou para mim. — Essa produção toda, mesa farta... Está tudo bem?

— Perfeitamente! E com você? — Dei de ombros, tentando soar natural, precisando, contudo, conter a vontade de gargalhar. O que uma camisola sexy não fazia?

A cafeteira apitou no momento em que peguei o grande prato para a omelete. Tales se posicionou ao meu lado.

— Eu lhe ajudo, mãe — disse pegando a garrafa da

cafeteira, levando-a para mesa, no momento em que Rebeca entrou.

Abri o forninho e tirei os pães quentinhos, colocando-os na cesta. Tales ainda me olhava desconfiado, decerto se perguntando que tipo de ET tinha se apossado de sua mãe. *Sou eu, meu filho, a versão de Isabel que você não teve a oportunidade de conhecer*, pensei.

— Bom dia, filha.

— Bom dia, mã... Mãe? — Olhou-me de boca aberta. — Que camisola é essa?

— Como assim? — perguntei despretensiosamente enquanto punha a cesta com os pães ao lado daquela com as frutas. — Você a conhece, talvez não se lembre... — Dei de ombros.

— Nunca! Jamais me esqueceria dela, é um luxo!

Hum... ontem teve, hein?!

— Rebeca! — Tales a repreendeu.

— O que foi, Tales? Você acha que papai e mamãe não transam? — Ele ficou lívido. — Eu, hein?! *Você*

transa, imagine eles! Bom, pelo menos eu acho que você transa, né?

— Eu não estou ouvindo isso...

— Bom, eu também transo, claro, e...

— Rebeca, me poupe de seus comentários! Eu vou para a faculdade!

— Filho, você não comeu...

— Perdi a fome, mãe!

Fiz uma careta e Rebeca disse duramente:

— Ah, deixe de palhaçada, Tales! Você acha que sou freira?

— Rebeca! — Foi minha vez de repreendê-la e ela deu de ombros, enquanto Tales batia a porta sem olhar para trás.

— Veja o que você fez, Rebeca! Você sabe como seu irmão é!

— Deixa pra lá, mãe! Certamente ele não estava com a mínima fome, se estivesse não dava piti. E então? Ontem à noite foi quente, hein, você e o papai... — Abri minha boca, mas ela continuou sem me dar brecha. —

Fico tão feliz! Eu estava realmente preocupada.

Franzi o cenho.

— O que quer dizer?

Rebeca pegou um mamão na cesta e cortou-o ao meio, tirando as sementes, antes de abrir o pote de mel e despejar um pouco. Levou a colher à boca e me olhou seriamente.

— Sinceramente, achava que você e o papai iam se separar. — Senti todo o meu sangue se esvaír. Ela prosseguiu: — Nunca vi vocês brigarem e comecei a desconfiar que não fizessem na nossa frente. Vocês mal se falavam, mãe! — Rebeca exalou com força. — Eu tive tanto medo...

Céus, eu não imaginava que minha filha sofresse daquele jeito, imaginando que o casamento de seus pais estava em crise, eu sequer poderia desconfiar que isso passasse por sua cabeça! Rebeca, porém, sempre foi esperta. Puxei uma cadeira, sentando-me ao seu lado.

— Eu e seu pai não estamos brigados, filha. Nunca brigamos — garanti surpresa com esta constatação.

Realmente não havia uma crise aparente em nosso relacionamento. — Entretanto, devo confessar que o casamento esfriou... — disse baixo e minha filha largou a fruta, segurando minhas mãos; não sei se para me consolar ou tentar controlar seu pânico. Eu a conhecia o suficiente para saber que estava apreensiva naquele momento.

— Deixamo-nos cair na armadilha da rotina do dia a dia, mas o fato é que estou disposta a recuperar meu casamento com seu pai.

Ela abriu a boca chocada, me metralhando de perguntas:

— Meu Deus, o papai tem outra? Vocês vão se separar?

Antes que continuasse, retruquei:

— Nunca houve qualquer vestígio de separação, minha querida, mas nossa relação realmente esfriou, caiu na rotina, sei lá... — Não respondi sua primeira pergunta porque ainda não sabia se Ricardo tinha outra mulher. — E eu estou realmente disposta a mudar tudo isso.

Rebeca assentiu, no momento em que escutamos os

passos de Ricardo vindo para a cozinha.

— Depois conversamos. — Apressei-me, correndo para pegar a omelete no forno elétrico.

— Bom dia, filha! — Mesmo de costas, sabia que ele a cumprimentou com um beijo na testa, como sempre fazia todas as manhãs. — Onde está seu irmão?

Rebeca deu de ombros, dizendo que ele havia saído apressado. Quanto a mim, ainda continuava em meu lugar, supostamente tirando a omelete do forninho; a verdade, porém, era para que Ricardo visse o detalhe de minha camisola e ficasse tão ou mais abismado quanto nossos filhos.

Entretanto, ele não disse uma palavra. Apenas me cumprimentou cordialmente, como fazia todas as manhãs. Não reparou no banquete que eu havia preparado, nem na seleção de seu estilo de música preferida, muito menos na camisola sexy que tanto adorava. Não percebeu o perfume do óleo de amêndoas que antes o deixava louco, e que eu havia especialmente usado no banho aquela manhã. Nada. Nenhum comentário, nenhuma reação.

Precisei controlar minha imensa frustração e a vontade louca de chorar, principalmente por vê-lo sentado à mesa, enquanto punha o café em sua xícara. Seus olhos castanhos combinando perfeitamente com seu terno marrom, e seu cabelo grisalho em contraste com sua gravata dourada; a barba sensualmente cerrada em seu maxilar perfeito. Assim como um bom vinho, conforme os anos passavam, meu marido ficava melhor, lindo e charmoso. *Muito* charmoso. Olhei a xícara que ele levava à boca, segurando-a com força, e desejei que me apertasse daquela forma, como há muito não o fazia. Ele nem sequer me viu ou me notou.

Mas eu estava decidida a ganhar aquela batalha.

Respirei fundo, pegando o prato quente com a luva térmica e levando-o à mesa. Ricardo olhou surpreso quando o objeto entrou em seu campo de visão; seus olhos seguiram a luva, meu braço, para, finalmente, chegarem ao meu rosto.

— Bom dia!

Saudei com um sorriso e uma piscadinha, deixando

o prato com a succulenta omelete em cima da mesa, contornando-a. À sua frente, beijei-lhe a boca. Foi um beijo casto, contudo, me provocou arrepios. Há quanto tempo eu não beijava meu marido? Virei-me de costas, contornando a mesa mais uma vez. Se ele não tinha visto a camisola, fatalmente, naquele momento a viu, embora ainda continuasse mudo.

— E-Eu... preciso ir ao banheiro! — Rebeca gaguejou, na tentativa de nos deixar sozinhos e precisei conter minha vontade de rir. Ela saiu rapidamente, deixando-nos a sós. No ambiente, apenas o jazz de Etta James: *At Last*.

*“Enfim meu amor chegou,
meus dias solitários acabaram
e a vida é como uma canção.”*

Sorri, quando um pensamento me invadiu.

— Você se lembra? — perguntei, pegando um pão quente da cesta. — Essa foi a primeira música que dançamos juntos.

Ricardo me olhou confuso e, por um momento, me

perguntei se estava fazendo aquilo direito. Eu não havia selecionado *aquela* música especificamente, mas ela estava tocando, afinal. Achei que seria o universo conspirando a nosso favor.

“Meu coração estava coberto de tranquilidade na noite em que eu olhei pra você.”

— Faz tempo... É claro que você não se lembra mais! — falei rapidamente, tentando controlar meu nervosismo.

— É claro que me lembro! Como acha que eu posso ter esquecido? — Ele tocou minha mão, olhando-me profundamente.

“Eu encontrei um sonho que eu posso contar, um sonho que posso chamar de meu.”

Subitamente soltou-a, olhando a omelete.

— O cheiro está divino! — disse cortando um pedaço generoso.

Ricardo adorava

omelete,

principalmente de queijo, peito de peru, tomate e alho-
poró.

“Oh sim, sim, você sorriu, você sorriu!

Oh, e assim o encanto foi lançado,

e aqui estamos nós no paraíso,

pois você é meu, enfim.”

Sim, ele era *meu*, meu marido. E eu estava disposta
a recuperá-lo.

Em todos os sentidos.

Tirei o dia de folga. Havia somente três pacientes
marcados e solicitei a minha secretária que os
remanejasse para o início da semana seguinte. Não havia
nenhuma urgência ou qualquer caso mais sério, apenas
consultas de rotina que, em sua maioria, se resumiam a
mães exageradamente preocupadas com a saúde de seus
filhos. Quem poderia culpá-las?

Também ordenei a Luciana que, a partir daquele
dia, reservasse todas as sextas-feiras para mim. Nenhuma

consulta, nenhuma reunião, a não ser casos emergenciais.

A partir daquele dia, as sextas-feiras seriam únicas e exclusivamente *minhas*, para que eu cuidasse de mim.

O primeiro passo foi ir ao salão: cabelo, unha, depilação. Para o primeiro, tintura, um lindo e moderno corte e, de quebra, uma boa hidratação. Nas unhas, um vermelho fechado, tanto nos pés, quanto nas mãos.

Depilação? Pacote completo. Impressionante como me senti renovada e, acima de tudo, linda!

— Oi, Júlia! — Atendi meu celular, finalmente. Era a quinta vez que tocava.

— Cacete, estou ligando e você não atende!

Talvez porque estivesse ocupada?, pensei, mas não respondi.

— Onde você está?

— Saindo do salão.

Silêncio.

— Salão de festas? Hoje teve reunião de condomínio?

— Vá à merda, Júlia!

Ela gargalhou, perguntando rapidamente:

— É o que estou pensando? Você foi ao salão de beleza?

Balancei a cabeça, Júlia não existia.

— Se quiser, lhe mando a foto da transformação pelo *WhatsApp* — respondi, debochando.

— Meu Deus, Isabel!

— Obrigada — agradei minha amiga de coração.

Apesar de duras, suas palavras me fizeram enxergar o óbvio. Como eu poderia ter esquecido completamente de mim daquela forma, durante todo esse tempo?

— Talvez eu tenha exagerado um pouco, desculpe.

Você sabe como sou bruta, às vezes...

Às vezes? Sorri com o pensamento. Júlia era uma das pessoas mais incríveis do mundo, daquelas que eram capazes de darem tudo o que tinham para ajudar ao outro. Seu problema, porém, era que ela não tinha filtro. Falava o que vinha à mente e, quando se dava conta, já era!

— Você disse exatamente o que eu precisava ouvir e da forma que eu merecia — respondi com sinceridade.

Após longos momentos de reflexão, percebi isso; percebi que precisava ouvir boas verdades como somente uma grande amiga seria capaz de falar.

— Você está me deixando com vontade de chorar, porra!

— Então me deixe fazê-la rir — disse enquanto entrava numa cafeteria, sentando à primeira mesa que vi. Comecei lhe contando desde o primeiro minuto em que acordei: o banho caprichado, a camisola sexy escolhida a dedo e o grande banquete que preparei no café da manhã. Contei-lhe sobre Tales e Rebeca, e ela gargalhou tão alto que quase precisei afastar o aparelho do ouvido.

— Quer dizer que Tales quase surtou ao ver a mãe numa camisola sexy? Ah, essa eu realmente queria ter visto!

— Júlia, ele não piscava! — respondi, também gargalhando, quando o garçom chegou.

— Um *cappuccino*, por favor — solicitei, afastando o celular, voltando a ele em seguida.

— Rebeca é das minhas: não vale porra nenhuma!

— comentou, gargalhando mais uma vez e, novamente, fui obrigada a acompanhá-la. — E o Ricardo? Conta, que estou curiosa!

Meu sorriso sumiu. Pigarreei.

— Ele nem... nem me olhou, Júlia! Não percebeu nada.

Ela ficou em silêncio.

Passei a mão pelo cabelo distraidamente, a fim de afastar a franja que insistia em cair em meus olhos, quando percebi um lindo homem na mesa à frente olhando em minha direção. Seu olhar era penetrante, faminto. Sexy.

Putá merda!

Ele vestia um terno preto bem acabado; seu cabelo, escuro, ligeiramente batido. Era charmoso, no maior estilo George Clooney.

Uau!

Não. Eu não flertaria com aquele homem porque, embora fosse sexy pra cacete, não era ele quem eu queria.

Adoro Clooney, mas sempre preferi Richard Gere, pensei, desviando meu olhar, e meus lábios se esticaram num

pequeno sorriso. Eu ainda estava no páreo, ainda era a boa e irresistível Isabel Muniz!

— Mas tenho certeza de que mudarei esta história, Júlia — continuei confiante, sentindo uma súbita vontade de agradecer aquele lindo homem à minha frente. — A propósito, você deveria estar aqui. Há um homem lindo e sexy sozinho na mesa à frente.

— Porra! Manda foto!

Gargalhei.

— Sua louca! Como farei uma coisa dessas?

O garçom trouxe meu *cappuccino* e agradeci cordialmente.

— Onde você está?

— Nem pense! Ele já terá ido embora antes mesmo de você deixar a clínica, além disso, doutora, você tem pacientes! — Minha amiga fez um muxoxo e continuei: — Eu não sei se o Ricardo tem uma amante, Júlia, mas estou disposta a dá-lo de presente.

Ela engasgou e precisei conter minha vontade de rir.

— Isabel, você está bem?

— Estou ótima e tenho um plano — disse calmamente, tomando um longo gole do meu café.

— Fale logo, criatura, você está me deixando nervosa!

Suspirei profundamente, olhando mais uma vez o homem à minha frente. Ele estava pagando sua conta, no momento em que seu celular tocou. Ele atendeu e pude ver o ouro brilhante em seu anelar esquerdo. Casado.

Homens..., pensei. E estava flertando comigo! Ou será que estava apenas me observando? Será que Ricardo flertava com lindas mulheres em cafeterias? Balancei levemente a cabeça, na tentativa de afastar aquele pensamento. Eu me sentia confiante e não ia permitir que nada me fizesse sentir diferente, por mais forte que fosse. Naquela manhã, acordei decidida, com um plano em mente e nada neste mundo poderia fazê-lo dar errado.

— Ricardo *terá* uma amante, Júlia — respondi determinada.

— O quê?

E antes que minha amiga tivesse uma síncope em pleno telefone, concluí:

— E a amante do meu marido serei *eu*.

Colher de pau

Embora eu tivesse um plano e estivesse totalmente certa de colocá-lo em prática, ainda não sabia muito bem como realizá-lo. Contudo, de uma coisa eu tinha certeza: não poderia ir com muita sede ao pote.

Eu e meu marido mal nos falávamos, então eu não poderia, simplesmente, pular em seu pescoço e atacá-lo de uma hora para outra, embora eu realmente tivesse vontade. Não. As coisas deveriam ser feitas com calma, naturalmente. A questão era: *Como* fazer tudo isso?

Quando não souber o que fazer, feche os olhos, faça uma prece e deixe que Deus lhe guie em sua incrível sabedoria. Se você planeja fazer o bem, a resposta certa virá. A doce voz de minha mãe invadiu meus pensamentos. Que falta ela me fazia! Daria tudo por seu colo e seu cafuné naquele momento.

Eu estava na cozinha e, mais uma vez, um grande

banquete foi preparado para o café da manhã. O menu do dia? Panquecas! Mais uma vez, o jazz encantava ainda mais o ambiente, enfeitado com um lindo buquê de rosas brancas na sacada da janela. Eu vestia um robe de seda vermelho e, por baixo, uma antiga, linda e sexy camisola rendada. Sentia-me maravilhosamente bem e feliz comigo mesma. Eu estava determinada, e nada, nem ninguém, seria capaz de mudar isso.

*Se você planeja fazer o bem,
a resposta certa virá. Sim!*

A voz sexy de Nina Simone ecoou para ratificar o que eu já sabia: que estava me sentindo bem.

*“É um novo amanhecer, é um novo dia,
é uma nova vida para mim.*

E estou me sentindo bem.”

— E estou me sentindo bem!

Eu cantava *Feeling Good* com Nina, enquanto movimentava meu quadril de um lado para o outro. Com a garrafa da cafeteira nas mãos, levantei-a para o alto, propondo um brinde a mim mesma antes de colocá-la,

mais uma vez, na máquina.

*“E este velho mundo é um novo mundo,
e um corajoso mundo para mim.”*

Eu ainda cantava com ela quando quebrei os ovos e os misturei aos outros ingredientes que estavam na vasilha para a panqueca.

— Eu me sinto bem!

Cantei a plenos pulmões, usando a colher de pau como microfone, dando um giro completo e parando bruscamente ao ver Ricardo encostado no batente da porta, com os braços cruzados e um sorriso encantador — e sedutor — nos lábios.

Putá que pariu!

Imediatamente senti meu rosto queimar. Meu Deus, que vergonha! O que ele deveria estar pensando? Que sua esposa tinha enlouquecido, certamente.

— Hum... bom dia — cumprimentei um pouco envergonhada e ele caminhou em minha direção. Estava sem camisa, usando apenas uma cueca “samba canção” de seda preta. Ele cheirava a sabonete e seu cabelo estava

molhado.

— Excelente dia! — respondeu com um sorriso torto, aproximando-se de mim, o corpo rente ao meu. — Nina Simone, belíssima escolha — disse com voz rouca próximo a minha boca, seu hálito mentolado e inebriante me deixou ligeiramente tonta. Encarei seus olhos por instantes, antes dos meus me traírem e desviarem para sua maldita boca. O sorriso brincalhão ainda estava lá. Ele estava, claramente, se divertindo.

Ricardo fechou os olhos por instantes e inspirou profundamente.

— Amêndoas — sussurrou surpreso, sorrindo ainda mais.

Eu ainda segurava a colher de pau e, sedutoramente, Ricardo a tirou de minha mão, enganchando o cabo no laço do meu robe, desfazendo-o e revelando a camisola de renda vermelha. Ele passou a língua nos lábios e soltou um pequeno gemido. Olhando-me intensamente, aproximou seu rosto do meu. Meu coração parecia que saltaria do peito e minhas pernas,

momentaneamente, perderam as forças. Ele ia me beijar!
Finalmente, meu marido iria me beijar. Fechei meus olhos,
já sentindo, mais uma vez, o hálito mentolado quando, de
repente...

— Pai? Mãe?

Rapidamente nos afastamos e, enquanto eu virava
de costas para amarrar o robe, ouvi a voz de Ricardo:

— Filho, bom dia!

— Está tu-tudo bem? — Tales gaguejou.

— Tudo ótimo e você?

Eu ainda mantinha meus olhos fechados e juro que
podia sentir o aroma do meu marido. Será que ele também
sentia o meu?

— Bom dia, meu amor. — Virei-me para
cumprimentar Tales, olhando de forma cúmplice para
Ricardo.

Tales olhou para mim e depois para o pai, fazendo
uma careta em seguida, certamente se dando conta de que
interrompeu alguma coisa.

— Estou fazendo panquecas para o café, do jeitinho

que você gosta — disse beijando-lhe o rosto e ele sorriu, envergonhado. — Sua irmã está dormindo?

Ele deu de ombros, misturando o iogurte com cereal, no momento em que olhei meu marido.

— O café está passando.

Ricardo apenas sorriu. Foi um sorriso doce, encantador e senti uma vontade absurda de beijá-lo.

Por que, diabos, eu não o fiz?

Enquanto eu preparava as panquecas, pai e filho conversaram. Ricardo quis saber sobre a faculdade e os trabalhos, e animado Tales contou tudo sobre sua semana.

Há quanto tempo eu não os via conversar desta forma?

Será que eles não faziam ou eu simplesmente que não via?

Assim que terminei as panquecas, Rebeca entrou na cozinha, ainda com cara de sono. Saudou a mim, ao pai e ao irmão e, em meio a tantas iguarias deliciosas, tivemos um café da manhã para lá de animado. Há quanto tempo não nos reuníamos desta forma? *O que estávamos fazendo durante os outros finais de semana para que não nos reuníssemos deste jeito tão agradável?*, pensei em algum

momento.

Algumas vezes, flagrei meu marido me olhando,

não sei precisar de que forma: desejo? Amor?

Admiração? Surpresa? O fato é que eu retribuía com uma

piscadinha, como se houvesse um segredo que somente

nós dois sabíamos, e entre um “me passe a manteiga”,

“querido, mais café?”, “a última panqueca é minha!”, tive

um dos melhores e inesquecíveis cafés da manhã com

minha família dos últimos tempos!

Meu marido passou o dia no escritório. A semana

havia sido bastante agitada e foi inevitável não levar

trabalho para casa. Quanto a mim, aproveitei para fazer

compras, atividade que me consumiu grande parte da

manhã. Quando cheguei, ele ainda estava no escritório.

— Onde estão as crianças? — perguntei assim que

cheguei.

— *As crianças* — respondeu brincalhão,

ênfaticamente as palavras, como sempre fazia. — saíram.

Rebeca foi ao cinema com as amigas e Tales a um

churrasco.

— O mercado estava lotado! Acabei atrasando o almoço, você deve estar morrendo de fome!

Ricardo tirou seus óculos e me olhou com um sorriso no canto dos lábios.

— O almoço está feito. — Pisquei e ele concluiu:

— Fiz uma bela macarronada, regada com bastante molho!

Olhei-o divertida e, devo confessar, bastante animada. *Meu marido fez o almoço?*

— Você já comeu? — perguntei com as engrenagens de minha mente funcionando... Eu já pensava em abrir um vinho, almoçar com meu marido, somente nós dois e...

— Já. Estava com fome, além disso, preciso trabalhar. Estou tão enrolado!

— Ah...

Esqueça o vinho e o almoço romântico!, pensei.

— Bom, vou deixá-lo trabalhar então — concluí, mas ele já estava de volta aos seus papéis.

Mais um cappuccino

O final de semana passou rápido. Ricardo ficou “internado” no escritório com seus projetos, Tales e Rebeca se divertindo com seus amigos; quanto a mim, após a saga do mercado lotado e a deliciosa macarronada sozinha, me “internei” na minha cama e fui me divertir com uma boa leitura. Quando Ricardo foi dormir, eu já deveria estar no milésimo sono...

O domingo não foi diferente, e ali estava a segunda-feira se apresentando. Este era o dia em que eu tinha mais pacientes e mergulhei no trabalho intensamente. No final da tarde, porém, encontrei Júlia na cafeteria para nosso religioso *cappuccino* da tarde.

— E aí, me conta! Tirou a teia de aranha? —
perguntou enquanto abria o envelope do adoçante.

— Nada...

Ela me olhou chocada.

— Mas que porra...

— Eu e Ricardo estamos melhorando, mas ainda

não tivemos nada a mais... — Movimentei minha mão e ela jogou o pequeno envelope em cima da mesa de qualquer jeito.

— Como assim, *melhorando*, se vocês não transaram? Isabel, vocês são *casados*!

— Júlia, eu e Ricardo mal nos falávamos! As coisas não podem ser assim, de uma hora para outra! — respondi, entretanto, eu mesma me perguntava se estava fazendo aquilo de forma certa. — Quer dizer, eu não sei...

Júlia pegou a colher de chá e, agitada, começou a mexer sua bebida, misturando café, leite e creme.

— Conte-me tudo que aconteceu — pediu.

Exalei com força antes de começar a falar. Contei tudo: os cafés da manhã deliciosos, a dança na cozinha e a colher de pau, a macarronada, o escritório e os dois livros que li no final de semana inteiro, sozinha em minha cama.

Ela fez uma careta.

— Começou muito bem, mas terminou péssimo! O

Ricardo também, hein! Puta que pariu, porra!

— O que quer dizer? — perguntei nervosa e ela

tocou minha mão.

— Calma, nada de mais. Só acho que ele poderia ter sido um pouco mais... Sei lá! Sensível? — De repente, minha amiga pareceu tão confusa quanto eu. — Ele não falou nada sobre seu novo corte de cabelo?

Balancei a cabeça, engolindo o choro.

— Nada. Nem sobre o corte, a cor... Também nada sobre as flores na janela — Júlia me olhava seriamente e eu concluí: —, mas eu o flagrei me olhando diferente algumas vezes durante o café.

— Diferente como?

Tomei um longo gole do meu *cappuccino* antes de continuar:

— Diferente. Havia algo doce em seu olhar... Ele parecia surpreso e, ao mesmo tempo, satisfeito. Eu não sei dizer exatamente! Nem sei se isso é coisa da minha cabeça! — disse amargurada e Júlia fez um muxoxo.

— Esses putos desses homens também não falam porra nenhuma! Não nos dão uma pista sequer!

Fechei meus olhos por instantes.

— Será que ele tem outra, Júlia? — perguntei ainda com os olhos fechados, lábios trêmulos e, perante o silêncio de minha amiga, abri meus olhos, ansiosa.

— Sinceramente, não sei, Bel. Às vezes, acho que sim, outras que não...

Olhei-a apavorada, subitamente sendo invadida pelo pânico. Eu não queria perder meu marido.

— Será que é tarde demais? Será que estraguei meu casamento?

— Ah, para com essa porra! — Júlia gritou e quase dei um pulo da cadeira.

Algumas pessoas olharam para a nossa mesa e mentalmente pedi para que desviassem seus olhares. Eu conhecia minha amiga muito bem para saber que certamente gritaria meia dúzia de desaforos regados aos maiores palavrões do universo, mandando que cuidassem de suas vidas. Bom, aparentemente as pessoas ali também a conheciam, pois, rapidamente, voltaram aos seus afazeres e às suas vidas.

— Você enlouqueceu? — rosnei.

— Eu que pergunto, Isabel: você enlouqueceu? Por que a mulher sempre acha que a culpa é dela? Pelo amor de Deus, vocês são um *casal*! Se há alguma culpa aqui, ela é *dos dois* e não somente sua!

Eu a olhava assustada e ela apontou seu longo indicador com sua unha vermelha bem feita em minha direção.

— Não faça essa cara, você está no páreo! O Ricardo é *seu* marido e se tiver alguma sirigaita vagabunda na jogada, você vai esmagá-la como se fosse uma barata nojenta!

Subitamente fui invadida pela autoconfiança de novo. Era impressionante a infinidade e complexidade de sentimentos e sensações que tomavam conta de mim ultimamente.

— Talvez a barata não tenha sido o melhor exemplo, afinal de contas, quem de nós teria coragem para esmagar uma, não é? — Precisei me controlar para não rir e ela concluiu decidida. — Mas a sirigaita vagabunda, se existir, você esmagará sem dó, nem piedade, porque você

é Isabel Muniz! Não é qualquer merda, não! Vai se foder
sirigaita de merda!

A essa altura eu já ria descontroladamente. Júlia
parecia mais irritada com a situação do que eu.

— O que seria de mim sem você? — perguntei com
carinho.

— Porra nenhuma! — respondeu levantando as
mãos.

— Besta!

Rimos, tomando mais um gole de nossas bebidas.

— O que você tem em mente? — perguntou e dei de
ombros. Não sabia qual seria meu próximo passo.

— Você e o Ricardo mereciam tirar umas férias! De
tudo! Trabalho, casa, filhos...

— E depois voltarmos à rotina? — Balancei a
cabeça, pondo minha xícara na mesa com cuidado. —

Não, Júlia, o que eu e o Ricardo precisamos é nos
adaptarmos à realidade sem perder o romantismo, nosso
amor e nosso relacionamento homem-mulher. A questão é:
como fazer isso?

Júlia balançou a cabeça como se concordasse comigo.

— De que adianta sairmos da realidade e vivermos dias maravilhosos, se depois voltaremos a ela? E o pior, sem sabermos como lidar com ela. Não acredito que seja a melhor solução neste momento.

— Você tem razão — concordou, bebendo seu café.

— Contudo, podemos transformar nossa realidade em algo mais agradável... — prossegui pensativa quando, subitamente, tive uma ideia.

Júlia arregalou os olhos, pondo sua xícara de volta à mesa, agitada.

— O que é, criatura? No que está pensando?

Dei um sorriso sarcástico e levantei minha sobrancelha.

— Acho que meu marido terá um almoço executivo amanhã.

Sirigaita vagabunda

Quando começamos a namorar, eu e Ricardo costumávamos nos encontrar na hora do almoço. Na época, trabalhávamos perto um do outro e, geralmente, os almoços costumavam acontecer em algum motel da região. Tínhamos somente uma hora e o que fazíamos era realmente uma “deliciosa rapidinha louca”, como costumávamos falar.

Anos mais tarde, Ricardo começou a trabalhar na *Arquiteto Rio*, um grande escritório de arquitetura da cidade. Ele tinha sua própria sala e toda liberdade. Nessa época, éramos noivos e o casamento já estava marcado. Eu costumava fazer algumas visitas na hora do almoço para mostrar-lhe “detalhes dos preparativos do casamento”, mas a realidade era que fazíamos uma verdadeira “lua de mel” em sua sala.

Quando eu chegava, Ricardo já havia solicitado o almoço e supostamente comíamos em sua sala, enquanto discutíamos assuntos matrimoniais. O fato é que ele me

devorava antes de degustarmos o menu do dia. Nós trepávamos feito loucos em vários lugares da sala e era realmente intenso e, acima de tudo, delicioso.

Sorri com as lembranças ao travar meu carro e sair da garagem do edifício Terminal Garagem Menezes Côrtes. O escritório ficava na Rua da Assembleia e em poucos minutos estaria lá. Como um dos arquitetos mais importantes da empresa, sua sala era muito maior do que aquela de anos atrás.

— Como nos velhos tempos, meu amor — sussurrei animada.

Assim que cheguei ao andar, a secretária do meu marido me recebeu com um largo sorriso.

— Dona Isabel!

— Leila! — cumprimentei-a com carinho, me dando conta do tempo que não aparecia lá.

— Que bom vê-la! A senhora está bonitona, hein?!

Agradei um tanto envergonhada. Eu vestia um *tailleur* azul-marinho de manga curta e saia-lápis, e um *scarpin* da mesma cor envernizado. A “cereja do bolo”

era a lingerie: um corpete vermelho de seda e renda, especialmente comprado para a ocasião.

— O Ricardo está em reunião?

— Sim, mas a senhora tem carta branca sempre!

Abri minha boca para falar, quando ouvimos o barulho da porta. Olhei à frente e fiquei lívida. Ricardo saía de sua sala ao lado de uma loira estonteante, e ela segurava em seu braço! Ele gargalhava enquanto ela dizia algumas coisas. Confusa, olhei na direção de Leila, que parecia mais confusa do que eu.

Voltei meus olhos para a cena à frente. A mulher era realmente um furacão: loira, alta e, certamente, um pouco mais nova do que eu. Usava um vestido justo preto na altura dos joelhos, contudo com detalhes vazados nas laterais. Em minha opinião, nada próprio para o ambiente de trabalho. Seu cabelo estava preso num coque casual e em seu rosto extremamente maquiado, seus olhos azuis, tão brilhantes quanto o céu em dias de verão.

A sirigaita vagabunda era bonita. E sexy. E segurava o braço do *meu* marido com tanta intimidade que

comecei a me sentir ligeiramente tonta e, discretamente, apoiei-me na mesa.

— Isabel? — A voz surpresa de Ricardo rasgou o ambiente e precisei reunir todo o controle do universo naquele momento para não voar no pescoço daquela loira. Suas mãos continuavam no braço do *meu* marido. — Que surpresa! — disse, livrando-se dela e vindo em minha direção. Eu estava trêmula, meu peito subia e descia à medida que me esforçava para buscar ar. A sirigaita vagabunda era realmente estonteante e seu perfume doce predominava o ambiente, anulando completamente qualquer cheiro, inclusive o meu.

Ricardo segurou meu cotovelo com delicadeza, beijando meu rosto. O silêncio na sala era tanto, que foi possível ouvir o estalo provocado por seus lábios em minha pele. Eu precisava sair daquela inércia, precisava urgentemente fazer alguma coisa, nem que fosse dar na cara daquela sirigaita vagabunda.

— Eu não sabia que viria aqui. — Fuzilei-o com o olhar, foi mais forte do que eu. *Juro. Agora preciso avisar*

quando estou vindo? , pensei. — Mas estou feliz por isso
— emendou, me deixando ligeiramente confusa.

Meu marido afastou-se um pouco, liberando meu campo de visão para a loira estonteante.

— Esta é Wanda. Ela começou a trabalhar conosco cerca de dois meses, veio para reforçar e dar um gás à equipe.

Como assim, gás à equipe? Dois meses? Como eu não sabia daquilo? Então, subitamente me lembrei de que eu e meu marido praticamente não conversávamos mais.

— Esta é Isabel, minha esposa.

— Oh, que maravilha! Muito prazer, Isabel!

A loira caminhou até mim, estendendo sua mão.

Respirei fundo e estendi a minha, cumprimentando-a com um aperto de mão firme. Suas unhas estavam perfeitas, contudo, as minhas também.

— Ricardo é ótimo! Está me ajudando bastante nesta minha nova empreitada, com o perdão do trocadilho. Tentou ser engraçada, porém, uma pergunta pairava sob minha cabeça: *Ajudando como, exatamente?*

Dei um sorriso amarelo, olhando meu marido.

— Ricardo tem um excelente coração... — E olhando-a completei: — Além de ser um excelente profissional.

Wanda abriu um largo sorriso.

— A esposa elogiando o marido. Que coisa linda, Ricardo!

Olhei de relance para a mesa de Leila em busca de um estilete, enquanto me perguntava quantos anos de cadeia eu pegaria por retalhar a cara daquela vadia.

Respire, Isabel!

— Apenas uma mulher inteligente reconhecendo um grande profissional — rebati.

Wanda ficou visivelmente sem graça, ajeitando os fios de seu cabelo imaculadamente liso que caíam em seu rosto.

— Nosso almoço ficará para outro dia, Ricardo. —

Quase abri minha boca, tamanho choque. *Que filha da puta!* — Hoje você tem visita — disse petulante.

Visita? Aquela vaca se referiu a mim como visita?

Ricardo estava lívido.

— Foi um prazer, Isabel.

Olhei-a profundamente. *Vá se foder!*

— O prazer foi meu, Wanda. Seja bem-vinda a
Arquiteto Rio.

Sem perder a classe, concluí como se fizesse parte da empresa, e a vagabunda se retirou. Eu me sentia sufocada. Ricardo se dirigiu a mim, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, comuniquei que precisava usar o banheiro e, sem esperar por sua resposta, segui cambaleante ao toalete.

Entrei depressa no luxuoso espaço e segui direto para o lavabo. Imediatamente tapei minha boca e tentei inutilmente controlar minhas lágrimas. Elas vieram com mais força do que a água que caía da torneira.

Era fato. Meu marido *tinha* uma amante, e ela era estonteantemente linda. Olhei à frente, para a figura que se refletia no espelho. Ali estava uma mulher bonita, mas não tão *estonteante* como aquela de vestido preto vazado. A começar por seu corpo totalmente torneado e malhado, em

contraste com o meu ligeiramente fora de forma.

Abri a boca em busca de ar e exalei com força, repetindo o processo algumas vezes, tentando me acalmar. Peguei um lenço de papel e enxuguei minhas lágrimas, tentando não borrar a incrível maquiagem que fiz, olhando para o alto e piscando várias vezes.

Pare de chorar! Engula o choro! , pensei tal qual minha mãe dizia quando eu era pequena, e tal qual repeti para meus filhos. Escutei a leve batida na porta e me recompus rapidamente.

— Dona Isabel? — Era Leila que entrava.

— Oi, querida — respondi, sorrindo. — Estava apertada para ir ao banheiro — menti.

Ela se postou ao meu lado, enquanto eu lavava as mãos. Seu olhar foi indecifrável: Pena? Respeito?

Admiração? Meu raciocínio estava tão prejudicado, que não consegui identificar.

— Foi um prazer revê-la, Leila — disse com sinceridade enquanto secava minhas mãos e jogava o papel no lixo.

— O prazer foi meu, dona Isabel.

Devolvi-lhe um sorriso terno e caminhei à porta,
porém, antes que eu a alcançasse, ouvi sua voz:

— Dona Isabel? — Virei-me em sua direção e ela
me olhou profundamente. — O seu Ricardo a ama. De
verdade.

Pisquei

várias

vezes

absorvendo

aquela

informação. Leila deu um pequeno sorriso e desapareceu,
entrando na primeira cabine.

O inesperado

Embora eu ainda me sentisse trêmula, saí do banheiro aparentando estar decidida, com passos firmes em direção ao meu marido. Eu o conhecia o suficiente para saber que estava tenso; ele levantava e abaixava os pés, para frente e para trás, sem sair do lugar. Aproximei-me no momento em que se virou em minha direção.

— Vamos? — disse, supostamente fechando minha bolsa. A verdade, porém, é que eu não queria encará-lo.

— Para onde?

Certo, você precisa fazer isso, Isabel. Inspirei profundamente, antes de olhar em sua direção com um sorriso falso nos lábios. Céus, eu queria chorar!

— Almoçar. Hum... talvez eu devesse ter lhe avisado, *certamente* você tem outro compromisso e...

— Não tenho compromisso e não há necessidade de me avisar quando vier aqui — disse rapidamente, tocando meu braço e, pela primeira vez, olhei em seus olhos. Ele não desviou.

— Você pode e *deve* vir sempre que quiser. —

Ricardo ainda me olhava profundamente quando tocou meu rosto suavemente. — Você fez meu dia feliz vindo aqui, Isabel.

Engoli em seco enquanto ele sustentava o olhar, até eu desviá-lo.

— Onde deseja almoçar? — perguntou com seus olhos ainda em mim.

— Que tal no Clu-club de En-engenharia? — gaguejei e ele sorriu, pegando-me pelo braço e me conduzindo à porta.

Fizemos uma caminhada rápida até a Avenida Rio Branco e assim que chegamos ao número 124, descemos a escada rumo ao restaurante.

O *buffet* era farto e delicioso, entretanto eu havia perdido a fome. Em minha garganta havia o bolo de uma suposta traição, ainda não digerido. Optei por saladas verdes e um filé de salmão ao molho de alcaparras, e segui a uma mesa recuada. Ricardo chegou instantes depois, com o prato cheio.

— Não me diga que também está de dieta? —

perguntou surpreso ao olhar meu prato.

Também?

O garçom chegou e perguntou o que iríamos beber.

— Água, por favor — solicitei.

— Duas, sem gás — Ricardo completou e, em seguida, o garçom se retirou. — Se eu não estivesse trabalhando, poderíamos beber um bom vinho.

Pisquei, sem entender aonde queria chegar.

Comemos em silêncio, o garçom retornou com nossas bebidas, nos serviu e se retirou mais uma vez.

— Você veio resolver alguma coisa aqui no Centro? — perguntou despretensiosamente e resolvi ser sincera.

— Não. Vim somente fazer uma visita ao meu marido para almoçarmos juntos numa terça-feira ensolarada de outono — respondi um tanto decepcionada ao me lembrar da lingerie que usava.

No dia anterior, entre uma consulta e outra arquitetando meu plano irresistivelmente sedutor, resolvi

ir ao Barra Shopping a fim de comprar uma lingerie nova para a ocasião, porém... Balancei a cabeça levemente ao me lembrar da tal sirigaita vagabunda. Eu precisava afastar os horríveis pensamentos que tentavam me assombrar mais uma vez. Desajeitadamente, peguei o guardanapo para limpar a boca. Ricardo me olhava de forma nervosa, agitada.

— Isabel, eu...

— Isabel? — A voz estranhamente conhecida chamou minha atenção. — Não acredito!

— Raul? — Saudei surpresa, cumprimentando um dos arquitetos da empresa em que meu marido trabalha e amigo de longa data.

— Que prazer incrível! — exclamou sincero.

Levantei-me para cumprimentá-lo, perguntando sobre sua esposa, Sueli.

— Está tudo bem, trabalhando muito, como sempre.

E você? Como vão aquelas crianças? Dando muito trabalho? — perguntou, se referindo aos meus pacientes.

— Não tanto quanto seus pais — respondi divertida

e ele gargalhou.

— Nossa, quanto tempo não lhe vejo, Isabel!

Fiquei sem saber o que dizer. Ele cumprimentou

Ricardo que, educadamente, o convidou para se juntar a nós.

— Imagine, não quero atrapalhar — respondeu olhando para Ricardo e depois para mim. Meu marido me olhou de forma cúmplice e dei de ombros.

— Imagine, será um prazer. — O que eu poderia dizer?

Era uma mesa de dois lugares e Ricardo estava à minha frente, ainda assim, Raul deu a volta, puxou uma cadeira e sentou-se do outro lado, como se ficasse entre nós.

— Que maravilha! Sueli ia adorar estar aqui!

Vamos fazer uma *selfie*? Vou enviar a ela pelo *WhatsApp*!

Enquanto Raul pegava o aparelho em seu bolso,

olhei

meu

marido

sentado

à

minha

frente.

Disfarçadamente, ele encolheu os ombros como se pedisse desculpa por seu desajeitado amigo, e dei um pequeno sorriso.

O almoço teria sido interessante, não fosse pelo fato de minhas intenções serem outras. De qualquer forma, acredito que Raul tenha poupado uma conversa embaraçosa entre mim e Ricardo. Em alguns momentos, a sirigaita vagabunda, cujo nome não foi tocado, invadia meus pensamentos, suas mãos delicadas com suas unhas bem feitas no bíceps do meu marido como se fossem *íntimos*.

Raul, além disso, era um cara engraçado e, por vezes, consegui relaxar e me divertir um pouco. Ele e Ricardo começaram juntos no escritório e cresceram juntos profissionalmente também. Nós quatro fazíamos muitas viagens e saíamos às noites para dançar ou

tomarmos um chope. Entretanto, depois que as crianças nasceram, tanto as nossas quanto as deles, diminuimos o ritmo, até pararmos completamente.

— Foi um prazer, Isabel! Vamos marcar alguma coisa lá em casa! Um jantar, sei lá! — Raul disse assim que chegamos à rua.

Assenti, dizendo que seria maravilhoso.

— Não vamos deixar tudo isso cair no esquecimento, vamos marcar de verdade! — Ricardo concluiu me envolvendo pela cintura, me fazendo tremer com seu toque.

— Ah, maravilha! Sueli vai ficar doida! — Raul se despediu de mim com um abraço apertado e sincero.

Mandei lembranças à Sueli e ele se virou para Ricardo.

— Está voltando para o escritório?

Ricardo engoliu em seco, olhando em minha direção.

— Nos vemos à noite — afirmei. — Preciso mesmo voltar ao consultório.

Ricardo abriu a boca, surpreso.

— Você vai voltar pra Barra?

Assenti. Sim, Ricardo, saí da Barra para almoçar com você aqui no Centro da Cidade e voltarei para lá novamente para atender meus pacientes, pensei.

— Você está de táxi?

— Meu carro está no Menezes Cortes.

— Posso levá-la até lá — disse nervoso.

Como é?

— Não precisa, irei rapidinho.

Olhei o relógio, sentindo um frio na espinha. Eu tinha apenas quinze minutos para estar com meu lindo traseiro em minha cadeira no consultório. Nunca! Nem com todas as vias expressas totalmente livres eu chegaria!

Merda! Preciso enviar mensagem à Luciana,
pensei.

Despedi-me, mais uma vez, de Raul e de meu marido, quando ele me surpreendeu. Sua mão varreu meu rosto e ele me beijou. No meio da rua, em pleno Centro do Rio, perante seu amigo e todos os que passavam por ali.

Ricardo me beijou como achei que fosse me beijar

naquela manhã de sábado. Sua boca grudou na minha e sua língua me invadiu completamente, de forma urgente e insana. Senti sua mão apertar minha nuca, e a outra roçar minhas costas, me puxando para si. Ele mordeu levemente meu lábio, como se quisesse me dar alguns segundos para que eu pudesse respirar, antes de me invadir mais uma vez. Não sei exatamente por quanto tempo nos beijamos, só sei que me senti malditamente vazia quando se afastou de mim.

— Nos vemos à noite — sussurrou perto da minha boca; seu tom de promessa me deixando totalmente desnorreada.

Ricardo e Raul foram embora enquanto eu seguia meu caminho rumo ao Edifício Garagem. *Nos vemos à noite*. Suas palavras em minha cabeça deixaram todas as células do meu corpo em total estado de ebulição.

Nos vemos à noite...

Meu marido

Andei de forma desorientada pelo Centro e, assim que cheguei ao Edifício Garagem Menezes Côrtes para

pegar meu carro, parei para comprar uma garrafa d'água.

Eu precisava me recuperar.

Ricardo me beijou, pensei, tocando meus lábios.

Há quanto tempo ele não me beijava assim? A urgência de seu beijo me fez lembrar o nosso primeiro, contudo, poderia ser coisa da minha cabeça... Fantasias, certamente.

Imediatamente pensei em ligar para Júlia, entretanto, sabia que aquela conversa renderia. Ao invés disso, saquei meu celular e enviei mensagem para Luciana informando sobre meu atraso e pedindo que avisasse aos pacientes, no caso, seus responsáveis.

Levei uma hora e meia para chegar ao meu consultório, que ficava na Barra. As obras no Centro contribuíram bastante para transformar o trânsito, que já era caótico, em algo insuportável. Não sei qual nó era maior: o dos carros ou o da minha mente.

Era uma confusão! Eu me lembrava da tal Wanda e pensava no beijo que Ricardo me deu e, sinceramente, não sabia a que solução chegar, nem depois de todo esse

tempo presa no trânsito.

Entrei no consultório correndo e fui recebida com carinho por meus pacientes. Luciana me trouxe um delicioso café e pedi que avisasse à doutora Júlia que eu não estaria presente na cafeteria mais tarde por estar em consulta.

Naquele dia, trabalhei até às dez da noite, e me desliguei completamente de todos os assuntos, atendendo minhas crianças. Luciana, embora tenha sido liberada às 18h, seu horário, ficou comigo até o último choro ser ouvido.

— Seu marido ligou, doutora. — Olhei-a, surpresa, e ela concluiu: — Duas vezes.

Tremi, pegando o celular que ela me devolveia e agradei enquanto fechava a sala. Eram dez e quinze da noite quando saímos da clínica e, mesmo contra a sua vontade, a levei até sua casa em Jacarepaguá, antes de seguir para a minha, na Tijuca. Enquanto descíamos até a garagem, porém, olhei o celular e vi duas mensagens:

“O café estava delicioso. Espero que seus catarrentos

tenham valido a pena! Está tudo bem? Beijos.”

Não pude deixar de rir. Júlia era ginecologista e cismava em chamar minhas crianças deste jeito “pejorativamente carinhoso”, como dizia.

“Minhas crianças sempre valem a pena! E suas bocetas?”

Respondi divertida, antes de acessar a outra mensagem. *Ricardo*, pensei, clicando no ícone com a mão trêmula.

“Liguei, mas você estava em consulta. Fiquei preocupado. Luciana me garantiu que você chegou bem. Adorei a visita. Um beijo.”

Algumas horas depois:

“Já está saindo?”

Em seguida, a última:

“Luciana me informou que o consultório está cheio. Boa sorte.”

Enquanto saíamos do elevador, eu ainda tentava assimilar toda a preocupação repentina do meu marido, quando meu celular apitou mais uma vez. Outra

mensagem: Júlia.

”Vendo por este lado, eu deveria ter sido urologista...

Você não me disse se está tudo bem.”

Dei um pequeno sorriso, entretanto, não sabia o que responder. Inseri um *emoticon* sorridente e digitei que estava saindo do consultório, antes de guardar o celular na bolsa e ir embora.

Cheguei muito tarde e morta de cansada à minha casa. Ricardo já estava dormindo, contudo, encontrei um bilhete seu num *post-it* colado na porta da geladeira.

“Fiz estrogonofe de frango e arroz fresco para a janta.

Está delicioso! Deixei um prato para você na geladeira,

caso esteja com fome. Espero não atrapalhar sua dieta.

Um beijo.”

Balancei a cabeça, confusa. Dieta? Eu estava tão faminta, que o esquentei no micro-ondas e comi antes mesmo de tomar banho! Ricardo tinha razão: estava mesmo uma delícia! Dentre muitas coisas que meu marido fazia bem, cozinhar era uma delas.

Levei o prato à pia, me perguntando se havia algo

que Ricardo não soubesse fazer. *Mentir!* A resposta veio certa à minha mente. De fato, meu marido era um péssimo mentiroso. Será que isso havia mudado? Será que ele realmente me enganava? Há quanto tempo? Eu me fazia essas perguntas quando, de repente, olhei em volta, para a cozinha perfeita e imaculadamente arrumada.

Sacudi a cabeça, levemente confusa, olhando o ambiente mais uma vez. Tudo arrumado.

Dei de ombros e lavei meu prato e meus talheres antes de seguir cambaleante ao quarto. O ambiente estava à meia-luz e, na cama, meu marido dormia com seus óculos e um livro caído ao seu lado. Caminhei lentamente, fechando o livro e tomando o devido cuidado de marcar a página em que parou. Com carinho, tirei os óculos de seu rosto e contemplei-o por instantes. Seu cabelo grisalho, a barba perfeitamente cerrada em seu lindo maxilar quadrado. Seu rosto e as leves linhas de expressão que denunciavam sua idade, mas que o deixavam cada vez mais charmoso e irresistível. Sua boca, seus lábios...
Aqueles lábios que me beijaram com fúria naquela tarde,

como há muito não fazia. Eu mesma precisei controlar a vontade de beijá-lo. Céus, como eu queria beijá-lo! Amá-lo! Nem que fosse pela última vez! Pensei com os olhos marejados, enquanto me levantava.

Na suíte, tirei o lindo e sexy corpete vermelho já não controlando minhas lágrimas. Entrei no chuveiro e deixei que elas se misturassem à água que caía. Eu amava meu marido, sempre o amei! E me perguntei quando foi que permitimos que nosso casamento caísse nesta viciosa rotina.

Fechei meus olhos com força e desabei. Eu só queria o meu marido de volta.

A dúvida

No dia seguinte eu só teria consultas na parte da tarde e, devido ao exaustivo dia anterior, permiti-me ficar mais tempo na cama. Entretanto, quando o despertador de Ricardo tocou, acordei, mantendo-me, porém, de olhos bem fechados.

Eu quase podia vê-lo levantar e caminhar até a suíte, ouvi o barulho da torneira sendo aberta e também

quando escovou os dentes. Naquele momento, sua escova estava exatamente onde minha língua esteve no dia anterior: sambando por toda sua boca.

Maldita sortuda escova de dentes!, pensei, virando-me para o outro lado da cama. *Durma! Durma! Durma!*

Eu ainda tentava pegar no sono novamente quando ouvi o barulho da porta do banheiro. Imediatamente, o cheiro do meu marido preencheu o ambiente: sabonete misturado à sua loção pós-barba. Totalmente sedutor e embriagante! Pude ouvir seus passos e seus gestos enquanto se vestia e fiquei imaginando que gravata poria naquele dia.

Mais passos, e apertei ainda mais os olhos. Este era o momento em que ele poria seu perfume e iria embora. De fato, o cheiro que exalou pelo quarto me deixou completamente bêbada: de amor e de desejo.

Como amava aquele homem! Como o desejava!

Preparei-me para ouvir seus passos mais uma vez, desta vez ao longe, em direção à porta, afastando-se

totalmente de mim. Entretanto, seu cheiro ficou mais forte, fazendo com que meu corpo respondesse imediatamente, deixando-me desatinada.

Ainda confusa, senti sua presença muito próxima a mim. No quarto, apenas o som de sua respiração, agitada, pesarosa. Parecia que eu estava num sono profundo, eu não movia um músculo sequer! A impressão, inclusive, é que eu tinha parado de respirar. De fato, eu tinha.

Meu corpo ficou mais quente e seu cheiro mais forte. Senti um calor perto do meu rosto e o toque suave de sua mão em minha pele. Meu marido acariciou-me, cheirando meu pescoço, enfiando-se por meu cabelo, beijando-me carinhosamente. Levantou-se, cobriu-me e afagou-me mais uma vez, antes de desaparecer na escuridão.

Entorpecida. Era desta forma que eu estava.

Poderia ter sido um sonho, se eu não estivesse totalmente acordada. Não, aquilo não foi sonho. Ricardo realmente esteve ali! Eu ainda podia sentir seu cheiro, que estava impregnado em mim. Meus olhos estavam pesados

novamente e, aos poucos, caí no sono profundo.

Acordei às dez da manhã ao som do meu despertador. Ainda meio tonta, levantei, lembrando-me da manhã quando meu marido esteve ali. Ainda podia sentir seu cheiro e a marca de seus lábios em meu rosto. Fechei os olhos por instantes, como se pudesse trazer de volta todo aquele momento mágico.

Após meu banho, segui à cozinha, parando assim que cheguei à porta. A mesa estava posta com o mais delicioso café da manhã. Havia de tudo um pouco: pães, frutas, biscoitos, frios, iogurtes e cereais. Uma deliciosa omelete me aguardava no forninho juntamente com o café ainda quente na cafeteira.

Balancei a cabeça, ligeiramente confusa. O que estava acontecendo? Olhei o relógio mais uma vez, àquela hora, Tales e Rebeca estavam na faculdade. Eu estava sozinha em casa. Liguei a televisão no canal de música e, com o celular no viva-voz, liguei para Júlia.

— Porra! Não morre tão cedo, mulher!

— Graças a Deus! — retruquei. — Tenho dois

filhos para criar.

— Seus filhos já estão criados! Estava pensando em você!

— No que estava pensando? — perguntei, tirando a garrafa da cafeteira e me servindo de uma generosa xícara de café.

— Sobre as novidades. Como estão as coisas?

Apertei a boca e meus lábios formaram uma linha fina e retesada ao me lembrar da loira estonteante, a tal Wanda que, certamente, naquele momento, estava com meu marido. Entretanto, eu não queria dizer aquelas coisas para Júlia por telefone.

— Chegarei mais cedo ao consultório hoje. Será que podemos almoçar na cantina?

Do outro lado da linha, pude ouvir a respiração pesada de Júlia.

— Ai meu Deus, Isabel. Está tudo bem? — Fechei os olhos por instantes, sentando-me à mesa. — Não me diga que você e o Ricardo se separaram?! — sussurrou, fazendo com que eu sentisse um embrulho no estômago.

— Não! De jeito nenhum!

— Ah, graças a Deus!

Tomei um gole do meu café e, perante meu silêncio,
ela prosseguiu:

— Que horas você quer marcar?

— Chegarei à clínica por volta do meio-dia.

— Marcado. A gente se vê aqui. Um beijo.

Desliguei o telefone e olhei a farta mesa à minha frente. Balancei a cabeça, eu havia perdido a fome completamente. Imagens de Ricardo invadiram minha mente: quando nos conhecemos, a primeira vez em que nos falamos... Minha vida era tão sem graça, tão sem cor, e ele entrou modificando tudo, trazendo vida a tudo!

Faz tanto tempo..., pensei.

“Antes do dia em que lhe conheci,

a vida era tão rude,

mas você foi a chave para minha paz de espírito,

porque você me faz sentir,

você me faz sentir,

você me faz sentir naturalmente mulher”

Apertei meus olhos, ouvindo aquela letra maldita de *You make me fell like a natural woman*, naquela voz malditamente deliciosa de Aretha Franklin. Mais uma vez, a imagem da sirigaita vagabunda agarrando meu marido invadiu meus pensamentos, seu sorriso falso, sua voz petulante e seu atrevimento sem tamanho. Apertei os olhos ainda mais. Não era possível que Ricardo estivesse fazendo isso comigo, com nosso casamento, com nossa relação de companheirismo de anos.

Ele me beijou, pensei totalmente confusa.

— Ele me beijou! — gritei desesperada, o rosto encharcado pelo desespero.

Levei a xícara à pia e desliguei a televisão, enxugando meu rosto com as costas da mão. Eu precisava me recompor. Precisava trabalhar e resolver minha vida. Precisava conversar com meu marido e tirar aquela história a limpo. O que eu realmente não precisava era conviver com a maldita sombra da dúvida.

Jamais!

Reflexões

Assim que cheguei à clínica, enviei mensagem à Júlia dizendo que estava na cantina e não demorou muito, ela chegou esbaforida.

— Bel! — cumprimentou-me com um forte abraço e precisei me controlar para não desabar ali. — Céus! Você está péssima! — exclamou com as mãos na boca. Ótimo! — Quer dizer, está linda! Mesmo! — disse apontando para meu vestido justo marrom. — Mas sou sua amiga e lhe conheço muito bem — continuou, enquanto sentava-se à minha frente. — Essas suas olheiras... Meu Deus, minha amiga, você andou chorando!

Não foi uma pergunta e, acredito piamente que ainda que não me conhecesse muito bem, daria para perceber. Meus olhos estavam vermelhos, fundos, inchados, e não havia *Lancôme* no mundo que conseguisse disfarçar aquela merda!

— Vamos pegar nosso almoço primeiro — pedi, levantando-me sem esperar por sua resposta.

— Você está de dieta? — perguntou quando retornamos à mesa e revirei os olhos. Qual era o

problema deles?

— Estou sem fome, não de dieta! — respondi mais ríspida do que pretendia. *Merda!*, pensei. Aquele tom não era para minha amiga e sim para meu marido! —

Desculpe — pedi.

— Bel, fale comigo.

Remexi minha comida: um pedaço de frango grelhado com uma mísera colher de arroz de brócolis. O cheiro estava delicioso, entretanto, eu queria vomitar.

— Eu a vi.

Júlia arregalou os olhos, parando de mastigar.

— A sirigaita vagabunda? — perguntou com a boca cheia.

Assenti com um leve meneio de cabeça, fechando meus olhos com força. Lá estavam aquelas malditas lágrimas de novo!

— Não tenho feito outra coisa, a não ser isso! —

Apontei para meu rosto molhado.

Júlia ainda tentava engolir e bebeu um gole do seu suco para ajudar.

— Puta que pariu, Isabel! — exclamou ainda com a boca cheia.

Exalei com força e contei-lhe toda história, desde a compra da lingerie, até o momento em que fui ao toalete para tentar me recuperar daquela cena esdrúxula.

— Visita? A filha da puta disse que você era visita?

— perguntou transtornada. — Que cara de pau! O Ricardo não disse nada?

Peguei meu copo d'água e bebi um gole, colocando-o delicadamente sobre a mesa.

— Ele me disse que eu fiz seu dia mais feliz indo lá.

Júlia piscou várias vezes, claramente confusa, e lhe contei sobre as palavras de Leila quando foi atrás de mim no toalete e disse que meu marido me amava, e a forma como Ricardo me recebeu quanto retornei.

— Que estranho...

Balancei a cabeça.

— Eu não sei o que pensar, Júlia! Às vezes, tenho *certeza* de que aquela piranha é amante do Ricardo,

outras... — Soltei o ar com força. — Talvez eu não esteja conseguindo acreditar... — Júlia me olhava atentamente e prossegui: — Ele me beijou. — Ela arregalou os olhos e abriu a boca em forma de “O”. — Beijou *mesmo*, Júlia!

No meio da rua, em plena Avenida Rio Branco!

— Puta merda! Foi tipo aquela foto do beijo na *Times Square* que celebrou o fim da Guerra? — perguntou referindo-se ao *V-J Day* e, pela primeira vez, senti vontade de rir.

— Não chegou a tanto, mas foi quase isso — respondi divertida e lhe contei sobre o almoço no Clube de Engenharia.

— Cacete, por que você não jogou o mala desse Raul pela janela, Isabel? — perguntou pegando seu copo.

— Ainda bem que eu não estava lá, senão...

Balancei a cabeça. Pobre Raul!

— Acho que a presença dele foi boa — refleti. —

Não sei se teria sido apropriada uma conversa naquele momento, Júlia. — Ela balançou a cabeça, concordando comigo. — Porém, eu e Ricardo *precisamos* conversar.

Eu preciso tirar essa história a limpo.

— E o que pretende fazer se... — Minha amiga não conseguiu terminar sua pergunta, mas a entendi perfeitamente.

Fechei meus olhos com força, eu já havia pensado naquilo. O que eu faria se meu marido *realmente* estivesse tendo um caso com aquela sirigaita vagabunda?

— É claro que vou me separar, Júlia. — Minha amiga tremeu e, confesso, também. — Por mais que eu ame meu marido, não posso conviver com uma pessoa em quem não confio. Se o Ricardo realmente estiver me traindo com essa... — Apertei meus olhos e minha boca, tentando me acalmar. — simplesmente não podemos ficar juntos se isso estiver acontecendo — concluí.

Júlia tocou minha mão.

— Saiba que tem todo o meu apoio, independente da decisão que tomar.

Lembranças

Júlia e eu almoçamos em silêncio, eu estava submersa em meus pensamentos. Doía demais saber que

meu casamento poderia ter chegado ao fim, pois nunca imaginei minha vida sem o Ricardo.

Inspirei profundamente, lembrando-me exatamente do dia em que o conheci. Eu e Júlia entramos de penetra numa festa de arromba, compramos vestidos novos e tudo o mais.

— Você se lembra daquele dia? — pensei alto demais e Júlia me olhou confusa. — Quando nós o conhecemos? — concluí e minha amiga deu um leve sorriso.

— Nós éramos tão cara de pau, Júlia. De quem era aquela festa mesmo?

Ela deu de ombros.

— Não me lembro do nome dele, embora a gente tenha dado uns amassos no jardim.

Gargalhamos. Céus, eu não me lembrava deste detalhe! Júlia era a única mulher no universo capaz de entrar de penetra numa festa e ficar com o aniversariante!

— Lembro-me até hoje de quando Ricardo entrou, cheio de si, lindo de viver com aquele chapéu Panamá

ridículo.

Júlia gargalhou.

— E se achando o rei da festa!

— E era! O filho da mãe sabia o poder que tinha.

— Relembrei saudosa, com um pequeno sorriso nos lábios, que não demorou a sumir completamente.

— Por que ele fez isso comigo Júlia? — Desabei; as lágrimas voltando a me assombrar. — Por que ele fez isso com nosso casamento?

Minha amiga tocou minha mão mais uma vez. Ela estava perdida e, pela primeira vez em toda minha vida, vi Júlia Saboia sem saber o que dizer. Peguei um guardanapo e enxuguei meus olhos. Eu precisava me controlar, afinal, estávamos na clínica e eu nunca fui de levar meus problemas pessoais para o trabalho. Aspirei profundamente retomando o controle de mim mesma.

— Vamos deixar...

— Isabel? — Olhei à frente encontrando Arnaldo, cardiologista que trabalhava no consultório ao lado do meu. — Não sabia que era seu aniversário hoje, desculpe.

Pisquei confusa e Júlia me olhou mais confusa ainda. O homem já estava praticamente em cima de mim, me dando um forte abraço.

— Parabéns, querida, felicidades!

— Ah... Obrigada — agradei, sem saber direito o que fazer. — Mas, na verdade, meu aniversário não é hoje, Arnaldo.

Ele piscou várias vezes.

— Jura? Desculpe — pediu, coçando a cabeça. —

Vi seu consultório florido assim que saí do meu e achei que fosse seu aniversário.

Como é? Instintivamente olhei Júlia, que estava tão surpresa quanto eu.

— Florido? — perguntei.

— Sim, a pobre Luciana está fazendo magia para dar conta daquilo lá.

Abri a boca, chocada, olhando para a minha amiga.

Não me lembro de ter agradecido ao Arnaldo ou mesmo de ter me despedido dele, somente de ter sentido o aperto firme no meu braço e o puxão que Júlia me deu, quando

me arrancou da cantina. Corremos a passos largos pela clínica, quase não pegando o elevador, se não fosse seu braço ávido interromper o fechamento da porta.

— Sobe, caralho! Mais rápido! — Júlia exclamou no pequeno espaço, e senti meu rosto queimar perante as outras pessoas. Logo a porta abriu e ela me puxou mais uma vez, arrancando-me dali, entrando como uma flecha em meu consultório.

Levei minhas mãos à boca, surpresa e totalmente emocionada com o que vi. Meu pequeno consultório estava abarrotado de orquídeas, das mais variadas cores e tipos. Luciana me olhou emocionada, estendendo-me um envelope branco. Peguei-o, sentindo dificuldade para ler o que estava escrito, devido aos olhos marejados. No papel, a letra máscula e firme que eu tanto conhecia:

Para minha adorável esposa.

— Luciana, a doutora Isabel não quer ser incomodada nos próximos minutos. — Ouvi a voz determinada de Júlia, que tocou meu ombro. — Entre na sua sala. Você precisa fazer isso sozinha.

Completamente emocionada, abracei minha amiga, agradecendo-a por tudo, antes de entrar na minha sala e fechar a porta.

O Convite

Eu ainda mantinha o envelope em meu peito, na altura do meu coração, inspirando e exalando em seguida, procurando me acalmar. Embora meu consultório estivesse enfeitado com os mais belos arranjos da minha flor favorita, eu estava temerosa. Aquele poderia ser realmente um momento decisivo para mim e Ricardo. Com as mãos trêmulas, abri o envelope, retirando o requintado papel de dentro dele, sentindo um arrepio ao ver a letra máscula do meu marido.

Isabel,

Surpresa? Eu também. Na verdade, esta é a quinta vez que tento começar esta carta, embora, como você sabe, eu nunca tenha tido qualquer dificuldade com as palavras antes.

Sinto-me apavorado! Sim, acho que esta é a palavra. Eu não sei exatamente o que se passa por sua

cabeça, mas posso imaginar... Provavelmente você deve estar pensando mil coisas depois que veio ao meu escritório, aliás, devo repetir que adorei sua visita e, sinceramente, sentia falta delas. Há quanto tempo você não vinha aqui? E há quanto não lhe faço uma visita também?

Meu amor, eu AMO você! AMO demais! E estou realmente apavorado! Eu não sei exatamente o que aconteceu com o nosso casamento, querida, mas algo mudou e, por favor, me perdoe por não ter percebido isso antes! Nós sequer nos falávamos e lembro-me de como você era faladeira! Céus, eu sinto falta disso, meu amor! Ah... Como sinto!

Isabel, não há outra mulher em minha vida, somente VOCÊ! Eu te amo tanto!

Querida, por favor, perdoe minha falta de atenção, mas também senti muito a sua. Será que em algum momento deixamos de nos preocuparmos um com o outro? Tenho feito esta pergunta diariamente e o pânico toma conta de mim porque, embora pareça, nunca, nunca deixei de me preocupar com você!

Durante todas as manhãs quando saio para o trabalho, enquanto você dorme linda e perfeita em nossa cama, eu lhe beijo. Cheiro seu cabelo, sua pele, sentindo o seu aroma de amêndoas que tanto me enlouquece. Um dos meus maiores erros (dentre mil outros) foi não ter feito isso quando você estava acordada.

Abri minha boca chocada. Não foi somente naquela manhã? Ricardo fazia aquilo *todas* as manhãs? Olhei a carta mais uma vez, entretanto, havia apenas um borrão à minha frente. Apertei os olhos, deixando as lágrimas caírem com vontade. Elas não eram de tristeza, enfim!

Não pense que não percebi seu novo corte de cabelo, é claro que sim! Mas confesso que fiquei apavorado! Seu marido é um completo idiota!

Sinceramente, pensei que houvesse outro homem, Isabel,

e

sinto-me

totalmente

envergonhado

por

isso.

Entretanto, estou aqui, de peito aberto, sendo totalmente sincero com você, como sempre fui.

Você pegou pesado: flores na janela, um novo corte de cabelo, camisolas sexies e, de quebra, uma dança sensual na cozinha? Querida, isso não se faz!

Neste momento, eu era um misto de choro e sorrisos.

Você quase acabou comigo, meu amor! E, por favor, pare de rir! Sei que é exatamente isso que está fazendo neste momento. Eu sei porque conheço você! Ok, eu mereço também! Mas, no fundo, eu sei que está rindo porque lhe conheço do dedo do pé ao último fio de cabelo.

Ah, querida, eu te amo tanto! Como deixamos isso acontecer conosco? Que abismo é esse entre nós que não conhecemos? Perdoe-me, Isabel! Por favor, perdoe minha falta de atenção, minha falta de tato, minha falta de sensibilidade, minha falta... Perdoe os momentos em que estive distante ou mesmo acomodado. Perdoe-me,

perdoe-me, perdoe-me!

Sua visita ao escritório me fez enxergar tudo com clareza, e nunca me senti tão apavorado em toda minha vida, nem mesmo quando pedi sua mão ao seu pai.

Um riso alto me escapou e enxuguei ainda mais minhas lágrimas, lembrando-me daquele dia quando Ricardo pediu minha mão. Ele tremia tal qual uma vara verde, tamanho seu nervosismo.

Ontem, no escritório, no momento em que lhe vi e olhei profundamente em seus olhos, o pânico tomou conta de mim. Não há nada entre mim e aquela mulher! Nenhuma mulher, Isabel! Eu percebi que você estava entendendo tudo errado, e percebi o quanto EU entendi tudo errado também! Foi como se um raio me atingisse.

Ali eu vi que toda aquela preparação, desde seu corte de cabelo à maquiagem diferente que você passou a fazer todos os dias, todas aquelas flores na janela de nossa casa e as canções matinais eram exclusivamente para mim.

Era

a

MIM

que

ocê

estava

lutando

desesperadamente para conquistar, não outro! Céus, eram minhas músicas preferidas! Como não percebi isso?

Eu fiquei completamente apavorado quando percebi o quanto você estava nervosa. Querida, eu vi quando tentou se apoiar na mesa, sim, eu vi! Eu disse que lhe conheço... Quando você foi ao banheiro, meu pânico era tanto, que cheguei a pensar que você fosse fugir pela janela e eu nunca mais a veria. Infantilidade, eu sei, mas me diga quem consegue ser racional em meio ao desespero? Imediatamente pedi à Leila que fosse atrás de você! Eu fiquei tão apavorado, acho que ela percebeu, mas eu não estava nem aí! Eu só queria minha mulher de volta!

Pisquei várias vezes, lembrando-me das palavras
de Leila: *O seu Ricardo a ama.*

— Sim, acredito que ela tenha percebido, meu amor

— sussurrei em meio aos soluços, voltando à carta.

*Por favor, Isabel, me perdoe! Por tudo que eu fiz
e, principalmente, por tudo que deixei de fazer. Estarei
com o celular em minhas mãos, aguardando
ansiosamente por seu telefonema, caso você ainda
acredite em nós, caso ainda acredite que tenhamos
chance de sermos felizes como sempre fomos.*

Caso contrário, conversaremos em casa.

Seja como for, amo você. E sempre amarei.

Seu marido.

Imediatamente corri até a minha bolsa para pegar
meu telefone. Ricardo atendeu no primeiro toque.

— Isabel! — Sua voz trêmula e seu tom eram de
alívio.

— Vocês homens são tão idiotas!

— Eu sei — respondeu envergonhado.

— Mas nós mulheres também somos.

— Você sabe que não. — Defendeu-me e não pude deixar de sorrir. — Isabel, eu sei que eu deveria dizer todas essas coisas a você pessoalmente, mas... — Ele estava nervoso. — Se você quiser, eu direi. Letra por letra.

— Sim, nós precisamos conversar.

— Sou grato por isso. — Sorri. — Gostaria de levar minha esposa para sair hoje à noite.

Abri minha boca para responder, mas meu marido não me deu brecha.

— Sua última consulta será às sete da noite. Estarei aí as oito para buscá-la, mandarei alguém pegar seu carro.

— Eu estava surpresa. — Até à noite, querida.

— Até à noite. — sussurrei.

— Isabel... — Um pequeno silêncio se instalou e quase pude vê-lo fechar seus olhos e absorver aquele momento. — Eu amo você.

Meus olhos estavam marejados mais uma vez, contudo, eu não me importava. Sorri completamente feliz.

— Eu amo você, meu amor!

Eu não sei o que foi mais difícil: trabalhar e esperar as benditas oito horas chegarem ou lidar com o nervosismo de Júlia.

— Olha, Isabel, você não vá fazer merda, hein?!

Deixe o Ricardo falar e se explicar direito!

— Eu sei, Júlia!

Mas ela insistia e, entre uma consulta e outra, a louca aparecia em meu consultório para me dar conselhos.

— Logo hoje que não vesti minha lingerie sexy...

— Puta que pariu, Isabel! Não me diga que você está com a calcinha da vovó!

Gargalhei.

— Para seu governo, eu não uso mais aquele tipo de calcinha!

Ela levantou as mãos para o alto.

— Deus ouviu minhas preces!

— Besta!

Finalmente o relógio resolveu fazer as pazes comigo. O último paciente havia partido e estávamos

apenas eu e minha secretária no consultório. Às oito horas em ponto, meu marido apareceu. Estava lindo em seu terno marrom e gravata vermelha escura. Seu cabelo grisalho, cheio, estava com alguns fios caídos em sua testa. Usava seus óculos sem aro, certamente por estar dirigindo, e mesmo àquela hora, fui capaz de sentir seu perfume inebriante.

Ricardo me olhou profundamente e seus olhos ficaram marejados, assim como os meus. Ele caminhou em minha direção com passos urgentes e sua mão varreu meu rosto mais uma vez.

— Isabel!

Meu marido me beijou com fúria e urgência; com amor e veneração. Sua língua na minha boca, misturava-se à minha, numa dança que era somente *nossa*. Seu hálito mentolado estava me deixando bêbada de desejo. Sim, ele estava me deixando loucamente excitada.

Ele segurou firme em meu cabelo, apertando minha nuca, puxando-me para seu corpo e, céus! Meu marido estava duro! Ele acariciou minhas costas, apertando-me

um pouco mais.

— Eu amo você, Isabel.

Ele parou o beijo e afastou-se apenas o suficiente para olhar em meus olhos e me dizer aquelas palavras, logo sua boca estava na minha mais uma vez. Ricardo me beijou com paixão, respeito, veneração e amor.

— Precisamos ir — ele disse em algum momento.

— Você precisa me soltar então — respondi zombeteira.

Meu marido encostou sua testa na minha e fechou seus olhos por instantes.

— Eu não quero soltá-la... — Abrindo-os, completou: — Jamais!

Emocionada, olhei-o profundamente, antes de acariciar seu rosto com ternura. Não era somente ele que me conhecia bem, eu também conhecia meu marido do dedo do pé ao último fio de cabelo, como costumava dizer; e ali eu vi o quanto me amava, mais do que isso, *senti-me* perfeitamente amada por ele!

Apenas um casal de namorados

Ricardo dirigiu pelas ruas compenetrado no trânsito, às vezes, porém, ele me olhava com ternura. Outras, com desejo. Ele ligou o som e testou a temperatura do ar, perguntando se estava boa.

— Está tudo perfeito — garanti.

— Conte-me como foi seu dia — pediu e eu desandei a falar.

Contei sobre minhas crianças: sobre Heitor, o menino levado que tirava a mãe do sério; sobre Lucca, uma das crianças mais espertas que já vi; sobre Manuela, cuja bochecha dava vontade de apertar, sobre a doce Sara; e também sobre a mãe de primeira viagem que surgiu desesperada em meu consultório.

— A *emergência* era uma pequena irritação na garganta, proveniente de um resfriado.

Ricardo deu de ombros.

— Quem pode culpá-la?

Assenti, perguntando como havia sido o dia dele.

— Agitado, embora eu tivesse muito trabalho, sinceramente hoje não estava focado. Raul me deu

cobertura. — Franzi o cenho, preocupada, e Ricardo prosseguiu: — Eu não consegui trabalhar direito até receber seu telefonema, meu amor.

— Ah...

A voz do saudoso Sinatra acarinhou nossos ouvidos com *Strangers in the Night* e não podemos deixar de sorrir. Ricardo levou uma de suas mãos a minha coxa, apertando-a enquanto cantava junto com *Blue Eyes*.

*“Estranhos na noite,
trocando olhares,
querendo saber na noite
qual a chance de compartilharmos o amor,
antes da noite passar.”*

O sinal fechou e ele tocou meu rosto, acariciando meu cabelo quando trouxe sua boca à minha, selando meus lábios antes de cantar mais uma vez, olhando intensamente em meus olhos.

*“Algo em seus olhos era tão convidativo,
algo em seu sorriso era tão emocionante,
algo em meu coração dizia-me que eu devia ter você.”*

— Meu coração não estava errado.

Olhei meu marido, tão próximo, seu cheiro me invadindo, tomando as rédeas dos meus sentidos. Eu iria beijá-lo, contudo, ouvimos as buzinas atrás de nós.

Gargalhamos como dois bobos apaixonados, enquanto ele dava a partida.

*“Desde aquela noite nós temos estado juntos,
amor à primeira vista,
apaixonados para sempre.*

Tudo deu tão certo para dois estranhos na noite.”

Ricardo diminuiu a velocidade, parando em frente a uma casa escura.

— Este é, de longe, o restaurante mais romântico da cidade — disse desatando seu cinto e, após desatar o meu, concluiu: — Mas há algo muito interessante lá dentro que acredito piamente que alguém aqui vai amar.

Pisquei várias vezes, enquanto meu marido mantinha um sorriso enigmático em seus lábios malditamente sedutores. Ele abriu a porta e contornou o veículo para abrir a minha, pegando-me pela mão.

Ao entrarmos no lugar, porém, sua mão estava em minha cintura e mesmo por cima do tecido do meu vestido, pude sentir seu calor em minha pele. Olhei o pequeno ambiente e abri a boca, surpresa. O local era despojado, com algumas mesas espalhadas e uma grande estante com vários tipos de garrafas cujos rótulos não consegui identificar. Homens e mulheres vestidos com seus uniformes engraçados andavam de um lado para o outro, alguns com um aparelho estranho em suas mãos, outros com garrafas e bandejas regadas de aperitivos. Olhei meu marido, divertida.

— Chapéus Panamá? — perguntei referindo-me ao tão já conhecido acessório que eles usavam.

Ricardo deu de ombros e balancei a cabeça, divertida, sem ter a menor ideia de onde estava. Meu marido aproximou-se de minha orelha, fazendo questão de roçar sua língua antes de começar a falar:

— Aqui se tem as melhores cervejas de todos os lugares do mundo. Ali, naquelas estantes — Ele apontou à frente. — está o cardápio de bebidas da casa. É só

escolher a garrafa.

Olhei-o surpresa enquanto ele girava o meu corpo.

— O melhor de tudo, porém, está lá — disse sedutor, apontando para o lado oposto e meus olhos seguiram sua mão. Abri minha boca, encantada.

— *Jukebox?* Você me trouxe a um lugar onde tem um *jukebox*? — perguntei emocionada e meu marido sorriu.

— Como nos velhos tempos.

Não me contive e praticamente pulei em seu pescoço. Ricardo me abraçou apertado e afagou seu rosto em meu cabelo, beijando meu pescoço, rosto até, finalmente, chegar à minha boca, me beijando loucamente até percebemos um garoto da idade do Tales à nossa frente.

— Mesa pra dois? — o menino perguntou divertido.

— Por favor, *somente* dois — Ricardo rebateu.

Ele girou nos calcanhares e fomos atrás. Antes de nos conduzir à mesa, porém, paramos à estante para

escolhermos nossas cervejas e, após nos divertirmos bastante lendo seus rótulos interessantes, seguimos ao nosso lugar, onde meu marido solicitou uma porção de salaminho, amendoins e azeitonas temperadas.

— Você adora azeitonas — disse sedutor.

— E você detesta! — rebati e ele gargalhou.

— O que eu não faço por você?

Olhei o homem à minha frente. Embora tivesse quase cinquenta anos, parecia o jovem de vinte e cinco que eu conheci: alegre, despojado e divertido, quer dizer, só soube disso quando *realmente* o conheci. Ele tocou minhas mãos, unindo-as às suas, como se estivéssemos fazendo uma prece, fechando seus olhos por instantes.

— Vamos fazer a promessa de nunca mais deixarmos isso acontecer novamente, Isabel.

Ricardo apertou minhas mãos, levando-as à boca, beijando-as com carinho.

— Não vamos permitir, jamais, que nosso casamento fique em segundo plano. Nós erramos e quase perdemos aquilo de mais valioso em nossas vidas. —

Olhando-me com amor, concluiu: — Nossa família.

Invadida pela emoção, abracei meu marido,
apertando-o com força, beijando-lhe o rosto e a boca.

— Perdoe-me — pedi.

Ele encostou sua testa na minha, olhando-me
profundamente.

— Isabel, não há outra mulher em minha vida,
somente VOCÊ! Eu te amo tanto! — repetiu tal qual estava
na carta que me enviou e ali tive a certeza de que não
haveria qualquer sirigaita vagabunda no mundo que
pudesse mudar isso.

— Eu sei — respondi e meu marido me beijou
ardentemente, apertando minha nuca, gemendo em minha
boca, até sermos surpreendidos, mais uma vez, pelo
rapazinho.

— De novo? — Ricardo perguntou e o menino
ficou vermelho feito um tomate. — Bom, pelo menos,
desta vez, você trouxe cerveja! — disse zombeteiro
deixando o garoto envergonhado. Certamente, ele tinha a
idade do nosso filho.

— O que há com esses meninos que gostam de interromper os beijos dos adultos? — meu marido perguntou em meu ouvido quando ele saiu. — Bom, pelo menos você não está usando um robe sexy e uma camisola mais sexy ainda, nem dançando com uma colher de pau na mão de forma *muito mais sexy!*

Gargalhei, olhando-o divertida e ele levantou sua *Long Neck*, batendo levemente na minha, propondo um brinde.

— A nós.

— A nós.

A noite foi divertida. Eu e Ricardo provamos dos mais variados tipos de cerveja, ouvimos músicas divertidíssimas e deliciosas que vinham do *jukebox*, e gargalhamos com as danças horríveis que as pessoas faziam quando o álcool começou a lhes subir à cabeça.

— Esse pessoal dança muito mal! Nem sabem animar uma festa!

Ricardo jogou a cabeça para trás numa gargalhada deliciosa, nem tanto pelo que eu havia dito, mas sim pela *forma* como eu havia feito: ligeiramente tropeçando as

palavras, dando claros sinais de que já estava ficando “altinha”.

— Ao que parece estou lhe divertindo! — exclamei petulante.

— Muito!

Levantei minha garrafa, propondo um brinde, antes de virar todo seu conteúdo de uma vez, deixando meu marido ligeiramente chocado. Levantei-me, quase tropeçando da cadeira e, gargalhando, dei uma piscadinha, mordendo seus lábios. Com a garrafa vazia em minha mão, segui em direção ao *jukebox*. No caminho, topei com nosso garçom novinho e, sem pedir, lhe roubei o chapéu de Panamá, pondo-o em minha cabeça.

Apertei um pouco os olhos, na tentativa de encontrar minha música. Eu já tinha dado uma boa olhada naquela máquina nas várias vezes em que fui ao toalete, e sabia exatamente o que queria. Coloquei minha moedinha e selecionei a opção certa. Com a garrafa na mão, apertei os olhos mais uma vez, procurando por meu marido. Sim, eu estava bem alta, mas o que importava?

Aí está você! , pensei ao encontrá-lo com os cotovelos apoiados na mesa, olhando divertido em minha direção.

— Ricardo Muniz, seu petulante, esta é para você!

— gritei alto e em bom som antes da música começar.

Mal o primeiro acorde de *You're so Vain*, da Carly Simon, foi tocado, Ricardo abriu a boca surpreso e, ao mesmo tempo, emocionado. Não era para menos. Há vinte e cinco anos, quando nos conhecemos numa festa em que eu e minha melhor amiga entramos de penetra, selecionei esta canção e cantei deliberadamente para ele, provocando-o. Ela traduzia perfeitamente o homem arrogante, que se achava o Rei da festa. E, de fato, era.

“Você chegou à festa

como se estivesse entrando num iate,

seu chapéu estrategicamente caído sobre um olho,

com seu cachecol de damasco.

Você mantinha um olho no espelho,

observando a si mesmo,

e todas as garotas sonhavam em ser seu par,

em ser seu par.”

Meu marido encolheu os ombros, divertido, como o arrogante delicioso de anos atrás. Enquanto eu cantava apontando para ele, lembranças daquele dia me invadiram. Eu senti tanta raiva dele, de sua petulância;

mal

sabia

que

aquele

homem

arrogante

e

insuportavelmente delicioso me escolheria dentre tantas mulheres disponíveis, e que seria ele o grande amor da minha vida.

“Você é tão arrogante!

Provavelmente pensa que essa canção é sobre você!

Você é tão arrogante!

Eu aposto que você pensa que esta canção é sobre você, não é?”

Remexi meu quadril de um lado para o outro, antes de segurar o chapéu Panamá em minha cabeça de forma sexy, enquanto caminhava em sua direção. Meu marido me olhava divertido com um lindo sorriso em seus lábios perfeitos. Tirei meu chapéu, colocando em sua cabeça, antes de largar a garrafa em cima da mesa e colar minha boca na sua, no momento em que a música chegou ao fim. Ouvimos aplausos por todo o bar e, imediatamente, tapei meus olhos. Ricardo sorriu divertido, abraçando-me no momento em que o rapazinho chegou para retomar seu chapéu.

— Lá vem ele de novo... — Ricardo rosnou em meu ouvido e não contive minha risada.

— Qualquer um cantaria num *videokê*, não num *jukebox* — disse estendendo a mão para retomar seu chapéu.

Ricardo o tirou da cabeça, entregando-o a ele.

— Isabel não é *qualquer um*, é *minha mulher*. E ela pode fazer simplesmente o que quiser.

Gargalhei e Ricardo me acompanhou. O pequeno

rapaz deu de ombros e se retirou, certamente pensando que éramos dois loucos.

Já era tarde quando saímos do bar e chagamos à nossa casa. As *crianças* já estavam dormindo e, em meio a beijos, abraços e amassos, conseguimos chegar ao nosso quarto. Meu marido lançou o paletó longe, antes de me jogar em cima da cama e me beijar com urgência.

— Onde está sua gravata? — quis saber.

— No bolso do meu paletó — respondeu com voz rouca.

Nós ainda estávamos vestidos e mordi o lábio, antes de cerrar levemente os olhos.

— Pegue-a e me espere aqui na cama. Tenho uma surpresa para você.

Sem esperar por sua resposta, caminhei até a suíte, apenas parando rapidamente para pegar a sacola vermelha no armário.

Fechei a porta e olhei a mulher refletida no espelho. Seu cabelo, sedutoramente despenteado; a boca vermelha; e o vestido, amarrotado, quase até a cintura. Ela

também estava descalça e não fazia a menor ideia de onde estavam suas sandálias! Sinceramente? Ela também não estava nem aí para isso!

Que mulher maravilhosa! , pensei orgulhosa de mim mesma, antes de olhar a sacola em minhas mãos. Dei um sorriso perverso, antes de me olhar no espelho mais uma vez, sentindo-me poderosa. Minutos depois, abri a porta e vi meu marido deitado na cama. Ele ainda vestia a calça de seu terno e a camisa, totalmente amarrotada e com os botões de cima abertos. A gravata vermelha enrolada em sua mão. Ele balançava as pernas, sinal clássico de que estava ansioso.

Sim, eu conhecia perfeitamente meu marido, do dedo do pé ao último fio de cabelo, e era exatamente este caminho que eu pretendia explorar naquela noite.

Durante toda ela.

Caminhei a passos largos, ficando à frente da cama e Ricardo abriu a boca, encantado.

— Isabel...

Seus olhos me acompanharam de cima a baixo, e de

volta, parando em meus olhos, onde se deteve por instantes.

— Você está linda. Você é linda!

Não era para menos, eu vestia o corpete vermelho que comprei exclusivamente para meu marido. Sim, do dedo do pé, ao último fio de cabelo, porque não importa o tempo, nem o lugar, ou mesmo as circunstâncias, os casais não podem e não devem jamais perder a capacidade de namorar.

FIM



"Porque escrever está na Pele. E engrandece a Alma."

Bya Campista vive no Rio de Janeiro, onde nasceu. Tricolor de coração, formada em Comunicação Social, trabalha em Cartório e tem nos livros uma paixão incondicional. Começou a escrever seu primeiro Romance Erótico no final de março de 2013 por pura paixão. Essa paixão foi tanta, que em novembro do mesmo ano, quando a autora publicou alguns capítulos na plataforma Wattpad, **Pele** ficou na pele de todos, atingindo sete mil leituras com o primeiro capítulo em apenas uma semana. Escreve no pouco tempo que possui e no muito que encontra e acredita piamente que a vida deve ser movida pela paixão. Bya Campista é apaixonada por natureza: por café, chocolate, *Rock and Roll*, música clássica, arte, praia, e é claro, livros!

Saiba

mais

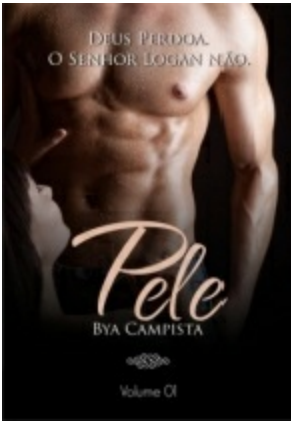
em

www.facebook.com/ByaCampista.Escritora

e

www.byacampistaescritora.com.br

Conheçam algumas obras da autora:



Linda Parlson é uma menina doce que se muda para Nova York numa tentativa de refazer sua vida, após relacionar-se com homem que quase a destruiu.

Dimitri

Logan,

apesar

de

sua

sensualidade e beleza extremas, é um homem frio, autoritário e conforme suas palavras, *não fadado a relacionamentos*. Sexualmente falando, é um homem realizado, que gosta e precisa estar no controle. Quando se conhecem o desejo é inevitável e avassalador. Linda se vê obrigada a encarar seus demônios e pavores e Dimitri, por sua vez, perde o que tem de mais concreto: seu controle. É exatamente num fim de tarde qualquer que essas histórias se cruzam, mudando suas vidas para sempre. **Pele** é o primeiro volume da Duologia de uma história intensa, que fala de desejo, paixão e amor.



Após libertar-se de seus temores através do seu

amor por Dimitri, o passado de Linda Parlson volta com toda força à sua vida e ela se vê diante daquele a quem sempre teve verdadeiro pavor: o homem que quase a destruiu.

Dimitri Logan, após descobrir o real sentido de sua vida através de Linda, vê-se diante de seu maior pesadelo, quando a única mulher a quem amou é brutalmente retirada de si, e nem todo o seu controle, sua ordem ou sua segurança foram capazes de impedir.

Conseguirá Dimitri Logan retirar Linda de seu pesadelo e trazê-la de volta para si? Conseguirá o amor, mais uma vez, superar a força de um passado macabro?

Veja o desfecho *Pele* em **Alma**, o segundo volume da Duologia que conta a história de Dimitri Logan e Linda Parlson.



Ele só queria chegar a tempo ao casamento do
seu melhor amigo...

#brasilemprosa



Porque rir é o melhor presente.